

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE TEOLOGIA

UOXITON DA SILVA CARVALHO

**A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES NUMA PERSPECTIVA DE UMA
IGREJA POBRE PARA OS POBRE**

Goiânia
2023

UOXITON DA SILVA CARVALHO

**A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES NUMA PERSPECTIVA DE UMA
IGREJA POBRE PARA OS POBRE**

Trabalho de Conclusão de Curso, em Teologia Pastoral, apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás, na Escola de Formação de Professores e Humanidades, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação do professor Me. Pe. David Pereira de Jesus.

Goiânia

2023

Dedico este trabalho a meus irmãos na fé, que entregam, decididamente, a vida ao trabalho e a evangelização dos pobres e marginalizados, pela única razão, o amor a Jesus.

RESUMO

O presente trabalho busca apontar a *opção preferencial pelos pobres* como consequência da vivência da Pobreza Evangélica. Nessa perspectiva, o trabalho faz um caminho que parte da busca pela compreensão da Pobreza na compreensão de uma Antropologia Bíblica dos textos dos Provérbios, do Evangelho de São Mateus e das Cartas de São Tiago. Recorremos a isso para buscar um fundamento Bíblico. A pesquisa se alarga nas buscas pela compreensão do termo “*opção pelos pobres*”. Para isso, recorremos aos Documentos do CELAM com foco em três Conferências. São elas a Conferência de Medellín, de Puebla e de Aparecida. Ao destacarmos apenas as três Conferências, o fazemos para mantermos o foco no objetivo da pesquisa, pois, do contrário poderíamos ampliar muito e perder o foco da razão deste trabalho. No terceiro capítulo, trazemos para a reflexão uma Teologia da Libertação. Fez-se necessário à medida em que, por meio dela, elucidou-se a importância da *opção pelos pobres*. Mostramos, ainda, a controvérsia teológica que gira em torno desse modo de fazer teologia. Também, no terceiro capítulo, concluímos buscando evidenciar a importância de se ter uma Igreja pobre e para os pobres, como nos pede o Papa Francisco.

PALAVRAS CHAVES: Pobreza; Opção preferencial pelos pobres; Igreja pobre e para os pobres.

RIASSUNTO

Il presente lavoro cerca di indicare *l'opzione preferenziale per i poveri* come conseguenza dell'esperienza della povertà evangelica. In questa prospettiva, si è deciso di seguire un percorso che parte dalla ricerca della comprensione della Povertà nella comprensione di un'Antropologia biblica dei testi dei Proverbi, del Vangelo di San Matteo e della Lettera di San Giacomo. Questa opzione è stata fatta per cercare un fondamento scritturale. La ricerca si amplia attraverso la comprensione del termine "*opzione per i poveri*". A tal fine, ci siamo rivolti ai Documenti del CELAM incentrati su tre Conferenze. Si tratta delle Conferenze di Medellín, Puebla e Aparecida. Si concentra solo su tre delle cinque Conferenze Generali dell'Episcopato Latino-americano, per mantenere l'attenzione sull'obiettivo della ricerca, altrimenti potremmo allargarci troppo e perdere di vista il motivo di questo lavoro. C'era bisogno di riflettere su la teologia della liberazione per chiarire meglio l'importanza *dell'opzione preferenziale per i poveri*. Si comprende anche la esistenza di una controversia teologica che circonda su questo modo di fare teologia. Infine, abbiamo cercato di evidenziare l'importanza di capire che *cos'è veramente una Chiesa povera e per i poveri* come ci chiede Papa Francesco.

PAROLE CHIAVE: Povertà; Opzione preferenziale per i poveri; Chiesa povera e poveri, Papa Francesco.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 A IGREJA E O POBRE: UMA FUNDAMENTAÇÃO	9
1.1 NA ANTROPOLOGIA BÍBLICA.....	10
1.1.1 Que é o homem, para dele te lembrares?	10
1.1.2 No contexto bíblico.....	14
1.1.3 No livro dos Provérbios	15
1.1.4 A pobreza e os pobres segundo o Evangelho de Mateus	20
1.1.5 Na Carta de São Tiago.....	22
2 A OPÇÃO PELOS POBRES A PARTIR DAS CONFERÊNCIAS GERAIS DO EPISCOPADO LATINOAMERICANO	26
2.1 EM MEDELLÍN.....	26
2.2 EM PUEBLA.....	32
2.3 EM APARECIDA.....	36
3 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO EM QUESTÃO	40
3.1 DA CONTOVÉRSIA TEOLÓGICA SOBRE A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES	40
3.1.1 Refutação à controvérsia teológica de Clodovis Boff	43
3.2 EVANGELIZAR OS POBRES	47
3.2.1 Aproximação como meio de evangelização	47
3.3 A IGREJA E O COMPROMISSO COM OS POBRES.....	49
3.3.1 Uma Igreja simples.	50
3.3.2 Por uma Igreja para os pobres	52
CONCLUSÃO	57
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

Muito se tem falado de opção pelos pobres, ou opção preferencial pelos pobres, mas pouco se tem preocupado em saber como surgiu esse conceito de opção preferencial pelos pobres, ou mesmo refletido sobre o tema da pobreza que culmina na opção pelos pobres. Sabe-se que nos nossos dias falar desse tema é ser tachado de comunista, de teologia da libertação e outras coisas do tipo.

Todavia, o presente trabalho busca evidenciar que o conceito de opção preferencial pelos pobres não é um conceito recente, mas sim uma verdade que já desde o Antigo Testamento se percebe uma “predileção” de Deus para com os pobres. Deus sempre cuidou dos pobres com muito carinho. Neste aspecto, se há uma “predileção” de Deus para com os pobres, os cristãos são chamados a ter uma atenção maior para com os pobres, uma opção por eles.

Dessa maneira, a presente pesquisa pretende entender como se chegou ao conceito de opção preferencial pelos pobres, visto que no AT a pobreza tinha uma dupla dimensão: uma positiva e outra negativa; já no NT a pobreza fruto da injustiça é condenada, mas a pobreza como despojamento é recomendada. Desta maneira, o nosso trabalho percorre textos bíblicos específicos que melhor evidenciam essa dupla dimensão da pobreza para compreendermos melhor a opção pelos pobres que a Igreja defende.

Para se chegar a uma compreensão, o presente trabalho adotou a metodologia da pesquisa bibliográfica, recorrendo a textos bíblicos, aos documentos do CELAM e outros. Assim, o objetivo desse trabalho de pesquisa é responder as seguintes questões: o que é a pobreza na compreensão bíblica? (tema do primeiro capítulo); como surgiu o conceito de opção preferencial pelos pobres? (tema do segundo capítulo); e por último, o que é a Igreja pobre para os pobres? (tema do terceiro capítulo). São essas as questões que giram em torno da presente pesquisa.

Diante disso, o trabalho se divide em três capítulos, sendo que o primeiro capítulo é a compreensão bíblica do conceito de pobreza. No segundo capítulo é apresentado a compreensão da opção pelos pobres nas três Conferências do Episcopado latino-americano, a saber: Medellín, Puebla e Aparecida. Poderíamos ter abordado as Conferências de Rio de Janeiro e Santo Domingo, mas fizemos a

escolhas a penas de três devido a centralidade do tema. E por fim, o terceiro capítulo, esse capítulo apresenta a controvérsia que está em torno da teologia da libertação, como também a perspectiva do Papa Francisco de uma Igreja Pobre e Para os pobres.

1 A IGREJA E O POBRE: UMA FUNDAMENTAÇÃO

A escolha da “Pobreza” como temática que fundamenta este trabalho de conclusão de curso é fruto de uma vivência pastoral que experimentamos. Ao fazer parte da Comunidade de Vida Sagradas Chagas, na cidade de Luís Eduardo Magalhães/BA, como membro residente, pudemos voltar o olhar para o Abrigo São Francisco e Santa Clara, fundado pela Comunidade. A proposta foi a de atender as pessoas em situação de rua que se encontrassem enfermos, pois, sem residência e sem condições, não conseguiam digno acesso à saúde. Inseridos naquela realidade, morando e trabalhando nela por quatro anos, de forma voluntária, pudemos auxiliar de modo particular na enfermaria. Foram muitas as experiências vivenciadas naquele tempo, cuja relevância do exercício pastoral realizado despertou-nos para o desejo de dissertar sobre a referida temática.

O contato com tantas pessoas em situação de completo abandono fez-nos refletir que aquele trabalho de doação ultrapassava a dimensão de auxílio temporário para a oferta da própria vida em favor dos pobres. Foi aí que percebemos que não bastava ver a pobreza, era preciso viver a pobreza para encontrar a razão pela qual se fazia todo o trabalho, pois o próprio Cristo Jesus se fez pobre, e, por isso, pode estar presente a cada irmão enfermo.

Após definição do tema, veio a pergunta norteadora desta pesquisa: como surgiu a opção preferencial pelos pobres? Para isso, buscamos compreender a concepção de pobreza apresentada na Bíblia e nos documentos conclusivos das Conferências de Medellín, Puebla e Aparecida. Sabemos da existência de outras Conferências que, de certo modo, abordaram o mesmo assunto. Porém, fizemos a escolha deste recorte pelo fato de que nelas estão contidas o cerne da questão e, provavelmente, terá muito a nos dizer acerca de propostas de pastoral, podendo ser lentes para ampliar a ação pastoral.

Desse modo, começamos o capítulo trazendo elementos de uma Antropologia Bíblica. Ao fazermos isso, apontamos o pecado e o afastamento de Deus como as grandes causas de pobreza no sentido espiritual. De fato, estes elementos fizeram com que o homem se tornasse fragmentado. A partir disso, surgem as várias formas de injustiça que, conseqüentemente, geram a pobreza material e espiritual.

Na sequência, apresentamos as variadas concepções de pobreza, dentre as quais podemos enunciar: no sentido bíblico, está associada à preguiça e a falta de

coragem para a aquisição de bens; no Evangelho, fica evidente que Cristo se coloca no lugar do pobre, motivo pelo qual a pobreza já não é mais vista apenas no sentido de estar aliada com a preguiça, mas apresenta-se como meio escatológico. De igual modo, voltamo-nos para a Carta de São Tiago para ver nela uma preocupação com os pobres, sempre relacionada a Cristo que se fez pobre.

Por último, não menos importante, abordamos as concepções elaboradas nas três Conferências que resgatam a necessidade de uma *opção pelos pobres* como consequência de uma maior fidelidade a Jesus Cristo e aos ensinamentos de sua Igreja.

1.1 NA ANTROPOLOGIA BÍBLICA

Inicialmente, é preciso lembrar que ao tratarmos do termo “Pobreza” estamos nos referindo à pobreza da humanidade. E, para compreendê-la melhor, precisamos falar do homem que a vive. Mas, uma vez que se trata de um trabalho teológico, lançamos mão dos conhecimentos da Antropologia Bíblica.

1.1.1 Que é o homem, para dele te lembrares?

O porquê de a Igreja ter feito a opção de ficar ao lado dos mais pobres e marginalizados tem seus fundamentos na Sagrada Escritura. “Que é o homem, para dele te lembrares?” (Sl 8,5)¹, é a expressão do Salmista, que reza a Deus admirado. Com efeito, o maravilhamento do autor sagrado se deve ao fato de que o Criador, um Deus tão grande, se preocupa com a pequena criatura, o homem. A pergunta “o que é o homem?” é feita desde que ele tomou consciência de sua complexidade. Mas, até os dias atuais, a pergunta continua sendo feita, pois o ser humano continua sendo um mistério. A Bíblia, livro mais antigo, e a Pontifícia Comissão Bíblica² na obra “O que é o homem?” fornecem pistas que podem aproximar o homem da resposta existencial.

¹ BÍBLIA DE JERUSALÉM: Nova edição, revista e ampliada. 13ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2019. (a partir daqui as citações serão feitas diretamente no corpo do texto).

² “O Organismo hoje conhecido como Pontifícia Comissão Bíblica foi constituído por Leão XIII com a Carta Apostólica *Vigilantiae Studii* de 30 de outubro de 1902 (cf. ASS 35 [1902-1903], 234-238). O Sumo Pontífice atribuiu à nova instituição uma tríplice tarefa: a) promover eficazmente entre os católicos o estudo bíblico; b) contrastar, com meios científicos, as opiniões erradas em matéria de Sagrada Escritura; c) estudar e iluminar questões debatidas e problemas emergentes em campo bíblico”. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/romancuria/pt/pontificie-commissioni/pontificia-commissione-biblica/profilo.html>.

A Pontifícia Comissão Bíblica (2022) afirma que “não se deduz da Bíblia uma definição da essência do homem, mas antes uma consideração articulada de seu ser como sujeito de múltiplas relações”.³ Acrescenta ainda, que “Sagrada Escritura é integralmente ‘profecia’ que revela a todos, em luminosa verdade, o que seja o homem” (PCB, n. 2). Desse modo, a referida Comissão Bíblica nos ajuda a analisar o drama humano e sua complexidade. Por conseguinte, fornece bases para compreender o amor e a predileção que Deus tem para com o ser humano. De modo especial, ajuda-nos a entender o contraste existente no ser da humanidade, imagem de Deus que porta uma pobreza intensificada pelo pecado. Nesse sentido, acrescenta a PCB:

[...] No fundo, permanece de alguma forma a ideia de que o homem seja um mistério, um prodígio surpreendente (Sl 71,7;139,14-15), objeto, portanto, de uma ininterrupta pesquisa reflexiva, justamente porque une características contrastantes e paradoxais. O ser humano, imagem de Deus (Gn1, 26-27), posto como senhor no jardim do Éden (Gn 2,9.15), é também pó, uma vez que foi tirado da terra e a ela está destinado a voltar (Gn 2,7;3,19). O homem é “carne”, isto é, frágil e efêmero (Gn 6,3;Is 40, 6; Jr 17,5;Sl 56,5;78,38-39; Sr 14,17-18;17,1), e, no entanto, domina os outros seres vivos. Criatura privilegiada, destinada a submeter a terra (Gn 1,26-28), é, todavia, portador de uma vida constantemente ameaçada (PCB, n. 22).

Considerando o homem um ser, criatura de Deus e portador de um mistério, nas Sagradas Escrituras a saber, o livro do Gênesis dedica um bom tempo para falar de toda criação, descreve a origem do mundo, das coisas criadas, dos animais etc. (cf. Gn 1). Desse modo, podemos compreender que tudo que existe foi criado, não de qualquer maneira, mas cada coisa foi chamada à existência por uma ordem crescente de dignidade. Assim, no topo da dignidade das criaturas está o homem, criado da “argila do solo” (Gn 2,7), receptor do “hálito de vida”⁴, tendo recebido o nome de “Adão”⁵ e a mais alta dignidade. A Pontifícia Comissão Bíblica, em sua obra Itinerário de Antropologia Bíblica, aprofunda nesse texto de Gênesis 1 ampliando a reflexão da seguinte maneira:

O motivo do homem como “criatura” de Deus é frequentemente mencionado nas Escrituras a fim de destacar sua diferença abismal em relação ao Criador

³ PONTÍFICIA COMISSÃO BÍBLICA. **O que é o homem?** Um itinerário de antropologia bíblica. Brasília, 2022. Brasília: Ed. CNBB, n. 10. A partir daqui usaremos a sigla PCB diretamente no corpo do texto.

⁴ cf. Gn 2,7. “O termo é nefesh, que designa o ser animado por um sopro vital (manifestado também pelo ‘espírito’, ruah”. **Nota de rodapé da Bíblia de Jerusalém letra A.**

⁵ cf. Gn 2,7. “O homem, *adam*, vem do solo, *’adamah*. Este nome coletivo tornar-se-á o nome próprio do primeiro ser humano, Adão”(nota de rodapé F).

e, portanto, propiciar a humildade no coração como o caminho que conduz à verdade. O mesmo motivo, porém, tem também uma implicação em certo sentido oposto, ao evocar, no ato da criação, o cuidado demonstrado pelo Senhor (Is 64,7) e a dimensão espiritual que qualifica o ser humano (Sr 17,3-11). A este respeito, [...], o relato da criação em Gn 2 faz uso da imagem do “sopro” de Deus que, penetrando no pó moldado pelo Criador, torna-o um ser “vivo”, diferente de todas as outras criaturas (Gn 2,7). Nessa passagem, utiliza-se um dos numerosos modos expressivos que, nas Escrituras, tenta dar uma ideia do status especial, na verdade único, do homem. Na verdade, encontramos na Bíblia uma rica variedade de expressões, metáforas e conceitos, que visam iluminar o mistério de um ser feito de terra, mas dotado, em certo sentido, de potencial “divino”. Do dom brota também a “vocação” do ser humano, entendida como tarefa pessoal e comunitária de intervir na história, em obediência ao desígnio do Criador. Tudo isso é “revelado” por Deus, para que o homem seja iluminado na verdade de sua natureza maravilhosa (PCB, n. 45).

Diante do exposto, entendemos que o homem foi criado com um status que o diferencia das demais criaturas, ele recebe do próprio Deus o sopro da vida, e o próprio Deus o coloca no centro da criação para que goze de seus frutos. A Bíblia, por sua vez, descreve que Deus em sua infinita bondade, vê que “não é bom que o homem esteja só” (Gn 2,18) e cria sua companheira, a mulher. Sendo assim, homem e mulher tornam-se o centro da criação, e gozam da mais alta dignidade por não serem apenas criaturas (como as demais), pois foram criados à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 2,26). Percebemos, portanto, que a dignidade do homem tem seu fundamento em Deus, pois Ele é seu Criador e nisso consiste a dignidade do homem, ser filho de Deus.

Nesse aspecto, o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja* nos ajuda a compreender o fundamento da dignidade humana usando outras palavras, da seguinte maneira:

O livro do Gênesis nos propõe algumas linhas mestras da antropologia cristã: a inalienável dignidade da pessoa humana, que tem sua raiz e a sua garantia no desígnio criador de Deus; a sociabilidade constitutiva do ser humano, que tem o seu protótipo na relação de origem entre o homem e a mulher, “união esta que constituiu a primeira forma de comunhão de pessoas”, o significado do agir humano no mundo, que é ligado à descoberta e ao respeito da lei natural que Deus imprimiu no universo criado, para que a humanidade o habite e guarde segundo o Seu projeto (cf. 2Pd, 3,13). Esta visão da pessoa humana, da sociedade e da história é radicada em Deus e é iluminada pela realização do Seu desígnio de salvação⁶ (DSI, n. 37).

⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO “PAZ E JUSTIÇA”. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 7.ed. Editora: Paulinas, São Paulo, 2011. (Usaremos a sigla DSI).

É possível notar que o agir humano traz em si uma marca que o Criador imprimiu na criatura humana, a sua inalienável dignidade. Tal dignidade traz consigo a realidade para a qual foi criado, o Paraíso, e para povoar a terra com seu trabalho, mas o pecado lhe tira desse projeto de Deus (cf. DSI, n. 326). Se o projeto de Deus é a vida no Paraíso e a comunhão com o Criador, o pecado por sua vez implica a perda desse propósito quando tira o homem da comunhão com Deus, levando-o à perda da Terra prometida.

Em todo o caso, podemos dizer que a perda do Paraíso acarreta as mais duras penas que o homem tem que passar. O trabalho, dentro da perspectiva do pecado, não é visto como uma realização do agir humano, como era antes do pecado, mas como uma pena causada pelo pecado cometido pelo homem. A terra, que foi pensada e organizada para o bem de todos, agora é tomada como algo privado⁷ e destinado a alguns.

Fica evidente que o pecado fragmenta o homem, deixando-o dividido interiormente. Essa fragmentação intrínseca é externalizada na relação com o outro e com as coisas criadas. Nessa lógica, o homem sai da comunhão com o seu Criador, tornando-se incapaz de retornar à comunhão com Ele por iniciativa própria. Deus, vendo esta incapacidade e fraqueza humana de voltar-se para Ele por si só, envia seu Filho, o Cristo Jesus.

Por meio da encarnação de Jesus, Deus mostra ao homem, ferido pelo pecado, o verdadeiro Homem. Desse modo, podemos afirmar que Cristo é o novo Adão. Sendo o novo Adão, Cristo devolve ao homem a comunhão com o Criador, e mostra a ele o Rosto de Deus, do Deus misericórdia. Cristo é “o homem perfeito, que restituiu aos filhos de Adão a semelhança divina, deformada desde o primeiro pecado”⁸ (GS, 22). Ao assumir a natureza humana, Cristo a eleva à mais alta dignidade.

Fica então evidente que, Cristo, diante do Pai, apresenta-o o homem e, diante dos homens, mostra o rosto do Pai para que o homem chegue à realização de sua sublime vocação que é o amor. Diante de tudo isso, podemos dizer que a encarnação é o rebaixamento de Deus para alcançar a pobreza humana, é a mais bela opção do Cristo que, por livre vontade, quis se fazer pobre para enriquecer a humanidade (cf.

⁷ Não que a propriedade privada seja um mal, mas a má distribuição da terra é um grande problema, pois todos temos direitos sobre a terra.

⁸ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual. São Paulo: Paulus, 1997. n. 22.

2Cor 8,9). Cristo mais uma vez eleva a dignidade do homem ao se fazer Um conosco. Cristo de fato assume a natureza humana.

1.1.2 No contexto bíblico

Sendo a natureza humana pobre, por causa do pecado, podemos afirmar que Cristo fez-se pobre com os pobres, menos no pecado. Ele assume a pobreza humana, vive a pobreza e se identifica com os pobres (cf. Mt 25, 40), excerto no pecado. Nessa perspectiva, ao falar do tema da pobreza, é relevante dizer que na Bíblia há um lugar considerável para ele, a saber, o Vocabulário de Teologia Bíblica, o qual evidencia que: “o vocabulário concreto do hebreu já permite evocar seu cortejo digno de compaixão: além de *ras*, ‘o indigente’, temos *dal*, ‘o magro’ ou ‘débil’, *ebyôn*, ‘o mendigo’, ‘não saciado’, ‘*anî* e *anaw* (plural *anawim*), homem “abaixado” e aflito”⁹. Essa era a compreensão Bíblica do pobre, mas também se tinha o entendimento da pobreza no sentido espiritual e não apenas material. Podemos falar então, de uma dupla dimensão da pobreza, material e espiritual, a esse respeito o Vocabulário de Teologia Bíblica afirma que:

[...] Mas a “pobreza” de que fala a Bíblia não é só uma condição econômica e social, pode ser também uma disposição interior, uma atitude da alma; o AT nos revela assim as riquezas espirituais da pobreza, e o NT reconhece nos verdadeiros pobres os herdeiros privilegiados do Reino de Deus¹⁰.

A esse respeito, considerando a dupla compreensão da pobreza, é perceptível no Antigo Testamento que a riqueza é concebida como sinal da graça de Deus, enquanto que a pobreza é fruto não da bênção, mas do pecado, da preguiça. O livro dos Provérbios evidencia bem essa definição de riqueza e pobreza, e é por esse motivo que o escolhemos especificamente para ajudar-nos na reflexão. De igual modo, a Doutrina Social da Igreja colabora dialogando acerca do tema da seguinte forma:

No Antigo Testamento se percebe uma dupla postura em relação aos bens econômicos e à riqueza. Por um lado, apreço quanto à disponibilidade dos bens materiais considerados necessários à vida: por vezes a abundância -

⁹ LÉON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de teologia bíblica**. 5.ed; tradução de Frei Simão Voigt, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 782.

¹⁰ LÉON-DUFOUR, 1992, p.782-783.

mas não a riqueza e o luxo - é vista como bênção de Deus. Na literatura sapiencial, a pobreza é descrita como uma consequência negativa do ócio e da falta de laboriosidade (cf. Pv 10,4), mas também como fato natural (cf. Pv 22,2). Por um outro lado, os bens econômicos e a riqueza não são condenados por si mesmos, mas pelo seu mau uso. A tradição profética estigmatiza as fraudes, a usura, a exploração, as injustiças manifestadas, frequentemente em relação aos mais pobres (cf. Is 58,3-11; Jr 7,4-7; Os 4,1-2; Am 2,6-7; Mq 2,1-2). Tais tradições, mesmo considerando um mal a pobreza dos oprimidos, dos fracos, dos indigentes, neles vê também um símbolo da situação do homem diante de Deus; dEle provêm todos os bens como dom a ser administrado e a ser partilhado (DSI, n. 323).

Tendo em vista a existência da dupla compreensão que gira em torno do tema pobreza e riqueza, exploraremos o livro dos Provérbios que a nosso ver melhor evidencia tais realidades, enfocando o aspecto positivo e negativo de ambos os termos. Além disso, apresenta suas concepções de maneira mais clara, simples, apontando e esclarecendo a divergência existente na compreensão de riqueza e pobreza. A seguir entraremos diretamente no texto do AT (Antigo Testamento) para analisarmos a temática que estamos abordando.

1.1.3 No livro dos Provérbios

Inicialmente, Scott Hahn e Curtis Mitch, ao comentar sobre o livro dos Provérbios evidenciam que essa coletânea de pensamentos foi escrita por vários autores em diferentes épocas. Também se deve levar em conta a magnânima contribuição do rei Salomão (século X), que entre outros autores, foi um dos que contribuiu para a composição da obra dos Provérbios.

Com grande frequência, o nome do referido rei é associado às três coletâneas que compõem esse livro, a saber: uma que inicia dos versículos 1,1 e 9,18; outra que se estende do capítulo 10,1 até 22,16; e a terceira que se dá do capítulo 25,1 a 29,27. Essa atribuição da autoria desses capítulos ao rei Salomão não é de se duvidar, pois o ele tinha a fama de ser um homem sábio e de um profundo discernimento. A esse respeito, Scott Hahn e Curtis Mitch assim afirma:

O Livro dos Provérbios é uma antologia de adágios escritos por vários autores em diferentes épocas. Como é indicado no primeiro versículo, quem mais contribuiu para sua composição, além de ter sido o seu maior inspirador, foi o Rei Salomão, que viveu e reinou durante o século X a.C. Seu nome é associado a três coletâneas de máximas deste livro, uma que compreende os versículos entre 1,1 e 9,18; outra que se estende de 10,1 até 22,16; e uma terceira na qual estão inclusas as passagens de 25,1 a 29,27. Quanto à primeira coletânea, não é sabido ao certo se o seu autor de fato foi Salomão,

pois existe a possibilidade de que a menção do seu nome em 1,1 seja apenas o título do livro, não uma indicação de autoria. Em todo caso, não é surpreendente essa atribuição a Salomão, porquanto ele era reputado como homem de elevada sabedoria e extraordinário discernimento (ver por exemplo, 1Rs 4,29-34;10,23-24; Eclo 47,14-17; Mt 12,42). Uma vez que não há qualquer motivo razoável para negar que a fama de Salomão seja fundamentada em fatos históricos, e como nada em tais coletâneas apresenta incompatibilidade com as condições históricas, do século X a.C., é razoável aceitar que os quase 27 (ou no mínimo 18) capítulos atribuídos a Salomão sejam realmente de sua autoria¹¹.

Ainda segundo Scott Hahn, outros escritores contribuíram para a composição do livro dos Provérbios foram, a saber: Agur (30, 1-33) e Lamuel (31,1-31)¹², ambos são desconhecidos o que dificulta a pesquisa sobre tais personagens. Na verdade, o que se pode dizer é que há indícios de que a redação dos textos precede ao século VII a.C. Corroborando com esse pensamento, outro comentador bíblico, Harrington, diz que os capítulos do livro dos Provérbios compreendem o mundo sobre as seguintes perspectivas: as dos sábios, a dos insensatos e a categoria daqueles que não se comprometem nem com os sábios e nem com os insensatos¹³, ou seja, são os que não se comprometem com nada.

Neste sentido, os descompromissados, aqueles alheios à realidade que os cerca, acreditavam que uma hora ou outra teriam que aderir aos sábios ou aos insensatos. Isso vem refletir em nossa sociedade, pois também nos dias de hoje temos aqueles homens que estão na sociedade vendo as injustiças e nada fazem, parece que a realidade não os toca. Eles não apresentam empatia nem misericórdia pela dor do outro, não se veem como irmãos. Por causa dessa clareza de pensamento e por ser uma literatura Sapiencial, é que escolhemos o livro dos Provérbios para fundamentar esse trabalho. Ademais, a obra aborda o tema com enfoque atual, trazendo ensinamentos práticos e mostrando sua relevância ao chamar a atenção dos descompromissados para compreenderem a realidade social que os cerca, visando o enfrentamento dos desafios inerentes ao nosso tempo.

Ainda sobre o livro dos Provérbios, segundo Scott Hahn a estrutura geral do livro é bem simples e as seções são articuladas de maneira independente uma da

¹¹ HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **Cadernos de estudo bíblico**: o livro dos Provérbios, o Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos. Editora Ecclesiae; 2022b, p.19.

¹² cf. HAHN; MITCH. 2022b, p.19.

¹³ cf. HARRINGTON, Wilfrid John. **Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização**. Tradução: Josué Xavier, Alexandre Macintyre. São Paulo: Editora Paulus, 1985. p. 319 (Coleção Biblioteca de estudos bíblicos).

outra¹⁴. Esse é o motivo de nosso trabalho não seguir os capítulos na sequência em que a Bíblia sugere, a final, os Provérbios passam seu recado independente da ordem que estejam.

Como o nosso foco é evidenciar a dupla compreensão da pobreza nesse livro, notamos, principalmente, que do capítulo 10 até o capítulo 29 exibem os textos mais tardios dessa coleção. A pobreza é apresentada de modo negativo (apesar do AT ter uma compreensão positiva da pobreza como é a apresentada pelo vocabulário de Teologia Bíblica¹⁵), fruto da preguiça, uma vez que o preguiçoso não tem disposição para sair da pobreza: “Passei junto ao campo do preguiçoso, pela vinha de um homem sem juízo: Eis que tudo estava cheio de urtigas, sua superfície coberta de espinhos, e seu muro de pedras em ruínas” (Pr 24,30-31). Deste modo, a pobreza é compreendida no sentido estritamente material, e está associada à preguiça.

De acordo com Harrington, nos textos da coleção Salomônica que vão do capítulo 10 em diante, a pobreza é compreendida no sentido material, fruto da indisposição para o trabalho, ou fruto de injustiça¹⁶. É o que podemos constatar na passagem bíblica de Provérbios 24,30-31, em que a situação de pobreza é entendida como consequência da ociosidade (cf. Pr 10,4); ou vista no sentido espiritual como algo negativo, fruto do excesso de acúmulo (cf. Pr 11,24), tornando o homem egoísta e vazio, uma vez que “quem tem as riquezas somente para si não é inocente”.¹⁷

Por outro lado, os ricos são tidos como sábios que usando o “conhecimento enchem-se os celeiros” (Pr 24,4), ou visto ainda como diligentes, que “pouco a pouco se enriquecem” (Pr 13,11). Esclarecendo um pouco mais, o rico é aquele que goza

¹⁴ cf. HAHN; MITCH, 2022b, p.20.

¹⁵ “Se já sob o AT uma elite religiosa encarava a pobreza como uma atitude espiritual, é normal que suceda o mesmo com os discípulos de Jesus, e tal é mesmo o aspecto sublinhado por São Mateus: “Felizes os pobres em espírito” (5,3), isto é, “aqueles que têm uma alma de pobre”. Jesus pede aos seus o desapego interior com respeito aos bens temporais (quer os possuam ou não), a fim de serem capazes de desejar e de receber as verdadeiras riquezas (cf. Mt 6,24.33; 13,22). Na prosperidade econômica é grande o perigo de fazer-se ilusões sobre a própria indigência espiritual (Ap 3,17); de qualquer maneira, convém usar deste mundo como se dele não se usasse de verdade, “pois passa a figura deste mundo” (1Cor 7,31). As posses materiais, aliás, são apenas um dos objetos da renúncia total em que é preciso consentir para ser discípulo de Jesus (cf. Lc 14,26.33). Mas para esboçar a fisionomia completa dos “pobres de espírito”, herdeiros dos *'anawim*, é preciso notar também a consciência que eles têm de sua miséria pessoal no plano religioso, de sua necessidade do socorro de Deus. longe de mostrar a suficiência ilusória do fariseu que confia na sua própria justiça, eles compartilham da humildade do publicano da parábola (Lc 18,9-14). Pelo sentimento de sua indigência e de sua fraqueza eles se aproximam das crianças, e, assim como estas, pertence-lhes a eles o Reino de Deus (cf. Lc 18,15ss; Mt 19,13-24)”. LÉON-DUFOUR, 1992, p. 786.

¹⁶ cf. HARRINGTON, 1985, p. 319.

¹⁷ PONTIFÍCIO CONSELHO “PAZ E JUSTIÇA”. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 7.ed. São Paulo: Paulinas, 2011. n. 329.

de grande alegria, pois em sua casa há grandes banquetes, nada lhes falta. Na contramão está o pobre, que “todos os dias são maus” (Pr 15,15), falta-lhe o saber, a coragem para sair do conformismo, não é proativo, não encontra apoio moral nem material da parte de seus semelhantes. Dessa forma, os Provérbios passam seu recado ao leitor, evidenciando a diferença entre o possuidor de bens e os que nada têm, isto é, pobreza e riqueza no sentido material.

Todavia, há o pobre que é vítima de injustiça, mas dele Deus se compadece, pois “fala suplicando” (Pr 18, 23) e o Criador a escuta, tendo ciência de que negar auxílio é cometer injustiça. Embora tenha ricos que não se compadecem do pobre que grita em sua porta, existe aquele que é solícito, misericordioso, para com os pobres, a esse chamado “generoso será abençoado, porque dá de seu pão ao fraco” (Pr 22,9).

Diante do exposto, compreendemos que ao mesmo tempo em que se coloca o rico como o sábio, deixa evidente que o verdadeiro sábio é o que tem o coração generoso, que ouve a súplica do pobre (cf. Pr 18,23). Ao passo que “quem tapa o ouvido ao clamor do fraco, também clamará e não terá resposta” (Pr 21,13). Dessa forma, a Doutrina Social da Igreja corrobora esse pensamento dizendo que “as riquezas realizam a sua função de serviço ao homem quando destinadas a produzir benefícios para os outros e para a sociedade” (DSI, n. 329).

Em todo caso, para o autor sagrado, há uma dupla dimensão da pobreza, a saber: uma que é causada pela preguiça, fruto do ócio (cf. Pr 19,24), e outra pobreza considerada social, que por sua vez, é fruto de injustiças, roubos e má distribuição de bens (cf. Pr 11,24). No caso dos homens que forem afetados pela pobreza, por causa de injustiças, o Senhor garante uma recompensa para aqueles que se propõem a ajudá-los: “quem faz caridade ao pobre empresta a lahweh, e Ele dará a sua recompensa” (Pr 19,17). Já ao pobre que não quer mudar de vida por causa da preguiça a consequência será a “[...] fome” (Pr 19,15).

Nesse sentido, parte da humanidade sofre o drama da injustiça social provocada pelo egoísmo, avareza e ganância dos poucos ricos, ao mesmo tempo em que muitos necessitados sofrem da pobreza fruto da preguiça, da inércia, da falta de coragem de sair para ganhar o pão (cf. Pr 22,13), o que nos leva a refletir sobre projeto de vida, escolhas, conduta e também à concepção de que tipo de homem a sociedade está formando?

Ainda nessa perspectiva, os Provérbios chamam a atenção para os que se enriquecem rapidamente, alertando-nos que o enriquecimento repentino pode estar

ligado as injustiças (cf. Pr 20,21), sendo fruto de roubo, de ambição, de atos ilícitos, ou da ganância que pisa e maltrata os fracos para benefício próprio. Se a riqueza for fruto dessas atitudes, então ela é injusta e não agrada a Deus. Contudo, a riqueza que agrada a Deus é a do justo, do homem que não dorme, que levanta cedo para trabalhar (cf. Pr 20,13). Esse sim, “pouco a pouco se enriquece” (Pro 13,11b), sem cometer injustiças, mas possuindo os bens com o suor do seu trabalho. A riqueza desse homem agrada a Deus.

Segundo a Bíblia Sagrada, fica evidente que tanto o pobre quanto o rico estão sujeitos a cometerem injustiça, seja pelo excesso da riqueza adquirida de maneira injusta, seja pela pobreza causada pela preguiça ou do ócio (cf. Pr 26,13). Para Scott Hahn, o livro dos Provérbios não visa apenas evidenciar a pobreza e a riqueza, mas “[...] formar o caráter mediante a transmissão de valores e o incentivo de comportamentos virtuosos”¹⁸, demonstrando que a sabedoria é apresentada como a mais alta riqueza, que supera o ouro (cf. Pr 16,16). Essa sabedoria não é fruto da riqueza material, mas sim de um coração puro, que não é injusto (cf. Pr 17,16). Em outras palavras, sábio é quem valoriza o ser e não o ter, cuja sabedoria está presente no coração e não na posse dos bens. A esse respeito, Harrington, deixa claro que uma das características do livro dos Provérbios é “versar sobre a conduta correta”¹⁹; as máximas dos Provérbios são pensadas para que o homem viva uma vida boa e justa, com o coração desprendido. Nesse sentido os pobres têm muito a nos ensinar (cf. Pr 28,11).

Conforme o exposto por Provérbios, é necessário haver um equilíbrio entre a dupla compreensão do tema da pobreza, pois como vimos, há uma pobreza que é fruto da injustiça e outra fruto da preguiça, do ócio; como também há uma riqueza que é fruto do trabalho e outra que é fruto da injustiça e da ganância. Assim, fica evidente que a complexidade do tema decorre da ambiguidade que gira em torno da pobreza. A respeito da ambiguidade, Mckenzie esclarece da seguinte maneira:

A posição da literatura sapiencial em relação à pobreza é ambígua, devido ao fato de que a coleção procede de períodos muito amplos. A pobreza é frequentemente considerada como uma maldição, a punição da preguiça, da intemperança, da frivolidade (Pr 6,11; 10,5; 13,18; 21,17; 23,21; 28,19; 31,7). A literatura sapiencial está também cônica do dever de justiça e liberdade para com os pobres (Pr 14,31; 22,22).²⁰

¹⁸ HAHN; MITCH. 2022b, p. 21.

¹⁹ HARRINGTON, 1985, p.319

²⁰ MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução: Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983, p. 730.

O objetivo desta parte foi evidenciar o tema da pobreza na literatura dos Provérbios, o que por sinal foi bem descrito, resta-nos seguir com a pesquisa debruçando agora sobre os escritos do Novo Testamento.

Segundo a concepção de Mckenzie, Jesus buscou demonstrar que a pobreza não é algo para ser posto apenas em palavras, mas de fato vivida.²¹ Isso é bem presente no Novo Testamento com o testemunho das multidões e das parábolas contadas por Jesus descrevendo situações de pobreza material e privações. Por esse motivo, vamos nos lançar nas palavras e feitos de Jesus para compreender o que Ele nos tem a falar a respeito da pobreza e dos pobres.

1.1.4 A pobreza e os pobres segundo o Evangelho de Mateus

Se com o pecado original o homem torna-se fragmentado e pobre interiormente, essa pobreza e fragmentação se estende a toda humanidade, revelando-se nos atos egoístas e gananciosos, grande causador da pobreza material e espiritual (tema do primeiro ponto). É nesse sentido que os Provérbios evidenciam a pobreza no sentido material, fruto do pecado do homem.

A partir de agora veremos a compreensão do termo pobreza na ótica do Evangelho de Mateus 25,31-46, pois o relato do autor Sagrado é claro e objetivo: “cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25, 40). Parece-nos que a Pobreza no Evangelho tem uma nova conotação, pois quem é rico faz-se pobre, Jesus Cristo. Desse modo, Jesus se identifica com os necessitados, e por esse motivo, afirma toda vez que alguém der assistência a qualquer um dos pobres é a Ele que se está assistindo. Tudo isso é comprovado ao longo da parábola de Mateus 25, trazendo o sentido objetivo e escatológico da Pobreza:

Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória. E serão reunidas em sua presença todas as nações e ele separará os homens uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos bodes, e porá as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda. Então dirá o rei aos que estiverem à sua direita: ‘Vinde, benditos de meu Pai, recebei por herança o Reino preparado para vós desde a fundação do mundo. Pois tive fome e me deste de comer. Tive sede e me deste de beber. Era forasteiro e me acolhestes. Estive nu e me vestistes,

²¹ cf. MCKENZIE, 1983, p. 731.

doente e me visitastes, preso e viestes ver-me'. Então os justos lhe responderão: 'Senhor, quando foi que te vimos com fome e te alimentamos, com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos forasteiro e te recolhemos ou nu e te vestimos? Quando foi que te vimos doente ou preso e fomos te ver?' Ao que lhes responderá o rei: 'Em verdade vos digo: cada vez que o fizeste a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes'. Em seguida, dirá aos que estiverem à sua esquerda: 'Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno preparado para o diabo e para os seus anjos. Porque tive fome e não me destes de comer. Tive sede e não me destes de beber. Fui forasteiro e não me recolhestes. Estive nu e não me vestistes, doente e preso, e não me visitastes'. Então, também eles responderão: 'Senhor, quando é que te vimos com fome ou com sede, forasteiro ou nu, doente ou preso e não te socorremos?' E ele responderá com estas palavras: 'Em verdade vos digo: toda as vezes que o deixastes de fazer a um desses mais pequeninos, foi a mim que o deixastes de fazer'. E irão estes para o castigo eterno, enquanto os justos irão para a vida eterna". (Mt 25,31-46).

Ao contemplar o texto bíblico, percebemos que há uma pobreza objetiva, que é descrita na pessoa do enfermo, do forasteiro, do preso, do indigente etc, mas há também, uma pobreza escatológica, parece-nos que aqui está a novidade que o evangelista quer mostrar, uma pobreza em detrimento do Reino de Deus. A esse respeito, Cantalamessa diz que: "a transição do Antigo para o Novo Testamento assinala um salto qualitativo: o Antigo Testamento nos apresenta um Deus 'para os pobres'; o Novo, um Deus que se fez pessoalmente 'pobre'"²². De igual modo, como foi visto nos Provérbios, o AT está recheado da compreensão do Deus que se compadece do pobre, que escuta e faz justiça em favor do pobre, mas somente o Evangelho evidencia o Deus que se faz um com os pobres. Assim, para Cantalamessa, a pobreza material deixa de ser entendida apenas como algo negativo e passa a ser um ideal a se desejar. Nesse sentido, assim descreve Cantalamessa:

De mal a ser evitado, a pobreza material passa a adquirir o aspecto de um bem a ser cultivado, de um ideal a se desejar. Essa é a grande novidade trazida por Cristo. O *Antigo Testamento* conhece o que chamamos de *pobreza material negativa*, ou seja, a pobreza como fato social a ser combatido ou evitado; conhece ademais, pelo menos a partir de certa época, a *pobreza espiritual positiva*, ou seja, o ideal dos homens que só confiam em Deus; e conhece, finalmente, a *pobreza espiritual negativa* dos que são ricos de coisas e de bens, mas pobres de sabedoria que é a verdadeira riqueza. Não conhece, repito, a *pobreza material positiva*, isto é, a livremente escolhida²³.

Dessa maneira, Cristo instaura a grande novidade, a pobreza como um bem a ser desejado, em uma perspectiva escatológica. A esse respeito, o Documento de

²² CANTALAMESSA, Raniero. **A pobreza**. 7.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 25.

²³ CANTALAMESSA, 2014, p. 25.

Aparecida explicita que: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza”²⁴. Segundo essa perspectiva, Jesus sendo Deus se fez pobre, reafirmou a preferência pelos pobres; nós seus discípulos devemos abraçá-la, ou melhor, fazer a opção preferencial pelos pobres, uma vez que acreditamos em Cristo, e Cristo a fez. Por causa da opção feita pelo Mestre, seus discípulos o seguiram, dando primazia aos menos favorecidos. Um exemplo de que os seguidores de Jesus se preocupavam com os pobres é São Tiago que em diversos trechos de sua carta deixa clara a sua preocupação com os pobres. Por esse motivo, daremos mais um passo, e buscaremos na carta de São Tiago elementos que nos ajudem a compreender a referida opção pelos pobres em sua raiz evangélica.

1.1.5 Na Carta de São Tiago

Para compreendermos o exposto na Carta de São Tiago, precisamos situá-la no tempo e no espaço. Ela foi destinada à segunda geração de cristãos e, de acordo com os registros da época, essa carta teve dificuldades para ser aceita. De modo que sua aceitação se deu de maneira progressiva. Segundo a introdução da Bíblia de Jerusalém: “Quando as Igrejas aceitaram a canonicidade desta epístola, identificaram comumente como seu autor Tiago ‘irmão do Senhor’²⁵. Ademais, a carta foi dirigida aos cristãos de origem judaica, que estavam dispersos no mundo greco-romano; podemos dizer que ela foi datada do ano 70²⁶ em diante. Um aspecto interessante dela é a presente preocupação social. O autor demonstra uma inquietação acerca da necessidade de transformação social por meio da fé, esse é um elemento novo que precisa ser analisado. Para Tiago, a fé deve ser certificada pelas obras, de outro modo ela é morta. Esse respeito São Tiago assim descreve:

²⁴ **DOCUMENTO DE APARECIDA**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2008, n. 392.

²⁵ **BÍBLIA DE JERUSALÉM**: Nova edição, revista e ampliada. Introdução às epístolas Católicas. 13ª reimpressão, 2019, p. 2102.

²⁶ “Uma data provável parece ser o início ou meados dos anos 60, após o ensino de Paulo sobre a fé e a obras, mas anterior à destruição de Jerusalém no ano 70. Neste caso, Jerusalém poderia muito bem ter sido o local da composição. Se, contudo, a carta é posterior ao ano 70, Antioquia ou Alexandria seriam os locais mais prováveis”. JERÔNIMO, São. **Novo Comentário Bíblico**: Novo Testamento e artigos sistemáticos. Tradução: Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Paulus, 2011, p. 668.

Meus irmãos, se alguém disser que tem fé, mas não tem obras, que lhe aproveitará isso? Acaso a fé poderá salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã não tiverem o que vestir e lhes faltar o necessário para a subsistência de cada dia, e alguém dentre vós lhes disser: “Ide em paz, aquecei-vos e saciai-vos”, e não lhes der o necessário para a sua manutenção, que proveito haverá nisso? Assim também a fé, se não tiver obras, está completamente morta (Tg 2,14-17).

Outro aspecto não menos relevante, é que a carta de São Tiago, tem como característica a presença de exortações breves, com o teor homilético catequético, ligadas de forma tênue²⁷. Ou seja, transmite seu recado com humildade, brandura e clareza. Provavelmente, os fiéis experimentavam alguma espécie de sofrimento, pois São Tiago encoraja os seus leitores à perseverança (cf. Tg 1,3). É importante ressaltar que, é típico dessa Carta preocupação com a fé de seus destinatários: “sede, pois, pacientes, irmãos, até a Vinda do Senhor” (Tg 5,7). Essa fé não pode ser apenas teórica, mas prática, deve ser acompanhada por obras concretas, uma vez que a fé sem obras é morta (cf. Tg 2,26).

O tema do sofrimento parece fazer parte da vida do cristão ao longo de sua história. São Tiago assinala que existe uma promessa que está para além do sofrimento, mas para alcançá-la o cristão deve se alegrar com as provações (cf. Tg 1,2-4); incentiva a comunidade à oração, para pedir sabedoria a Deus (cf. Tg 1,5-8); e toca no tema central da carta que é a relação de humildade e pobreza (cf. Tg 1,9-11). É possível deduzir ainda, que naquela comunidade havia pessoas experimentando a realidade do sofrimento, pois a carta toca no aspecto da paciência (cf. Tg 1,12); esclarece que não é Deus quem prova o homem (cf. Tg 1,13-15); fala da importância da Palavra de Deus (cf. Tg 1,16-27); diz das disposições corretas (cf. Tg 1,19-25); e, conclui o capítulo 1 falando da verdadeira religião (cf. Tg 1,26-27). São Tiago apresenta elementos de uma fé fundamentada em Jesus Cristo, o novo Adão.

Pela sua expressão implícita, a Jesus, e preocupação explícita com a vivência social do povo, podemos pensar que a carta de São Tiago é Cristológica. A esse respeito Scott Hahn afirma que: “Os ecos da voz de Jesus podem ser ouvidos numa gama de temas em quase todos os capítulos da epístola. Eles podem ser encontrados sobretudo nos trechos sobre os pobres e o reino (2,5; Mt 5,9)”.²⁸ Desse modo,

²⁷ HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **Cadernos de estudo bíblico**. As cartas de: São Tiago, São Pedro e São Judas. Campinas: Ecclesiae, 2022a, p.21.

²⁸ HAHN; MITCH, 2022a, p.22.

percebemos grandes aproximações da carta de Tiago com as palavras de Jesus em Mateus, a saber, o tema da provação em Tg 1,2 e em Mt 5,11, ambos alertam a comunidade para os benefícios que as provações trazem à vida do cristão. Notamos também que, diferentemente do livro dos Provérbios, a carta de São Tiago afirma que mesmo diante das dificuldades o homem pode alcançar um bem, pois a esperança está sempre presente nas orações e nos corações.

Ainda no que concerne a problemática da relação entre riqueza e pobreza na perspectiva da fé, São Tiago não compreende fé separada da realidade dos irmãos que sofrem; não se pode dizer ter fé e não lutar contra as estruturas que geram pobreza e miséria, afinal, a fé sem obras é morta (cf. Tg 2,26). São Tiago ainda apresenta uma problemática da relação entre riqueza e pobreza abordada em relação à fé, quando nos diz:

Pois bem, agora vós, ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que estão para vos sobrevir. 2 Vossa riqueza apodreceu e as vossas vestes estão carcomidas pelas traças. 3 Vosso ouro e vossa prata estão enferrujados e a ferrugem testemunhará contra vós e devorará vossas carnes. Entesourastes como um fogo nos tempos do fim! 4 Lembrai-vos de que o salário, do qual privastes os trabalhadores que ceifaram os vossos campos, clama, e os gritos dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos. 5 Vivestes faustosamente na terra e vos regalastes; saciastes-vos no dia da matança. 6 Condenastes o justo e o pusestes à morte: ele não vos resiste (Tg 5,1-6).

De outra maneira, os cristãos são chamados, pelo Batismo, a levar uma vida que corresponda a vida de fé, fugindo das injustiças e assemelhando-se cada vez mais ao próprio Cristo Jesus. Em outras palavras, são convocados a alargar a visão e combater as várias formas de pobreza e injustiça²⁹, como fez São Francisco que “sentia-se ainda mais unido aos que eram de sua própria carne” (FT, 2). Assim, percebemos na carta de São Tiago um esforço em ensinar os seus ouvintes, sobretudo, a abraçar a pobreza dos irmãos e irmãs em situação de vulnerabilidade, pois há neles uma sacralidade que não pode ser violada, a sua dignidade de filho de Deus³⁰. Sendo assim, movidos pelo impulso da fé, os cristãos devem partir ao encontro dos necessitados, injustiçados e marginalizados, como fizeram os

²⁹ cf. MULLER, Gerhard Ludwig. **Pobre para os pobres**: a missão da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 21.

³⁰ cf. ADRIANO, José. **Sacramentos, uma introdução**. Revista de cultura Teológica n 33: Out/Dez – Ano VIII, 2015, p. 92-93.

apóstolos³¹. A esse respeito, os padres conciliares ressaltaram na *Gaudium et Spes* que:

A alegria e a esperança, a tristeza e a angústia dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do Reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para a comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história (GS, 1).

Dessa maneira, percebemos que a comunidade cristã sempre se preocupou com a causa dos pobres e excluídos, não de maneira ideológica, mas seguindo os passos do Cristo que se encarnou para todos, e por isso a Igreja até os dias de hoje continua com a proposta do seu fundador de pregar o Reino de Deus e a salvação a todos, sem excluir ninguém. Seguindo o exemplo de Cristo, a Igreja querendo a salvação de todos, deu grandes contribuições para a sociedade, um exemplo disso foi a conferência de Medellín (1968) que mostrou a necessidade de uma volta ao que Cristo havia ensinado, uma opção clara pelos pobres. Desse modo, percorreremos, agora, por essa importante Conferência, que trouxe luzes para a aplicação do Evangelho na América-Latina.

³¹ cf. CONIC / CNBB. **Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021**: Texto-Base. Brasília: CNBB, 2020. p. 15, n. 17. A partir daqui utilizaremos a sigla CF para indicar este documento.

2 A OPÇÃO PELOS POBRES A PARTIR DAS CONFERÊNCIAS GERAIS DO EPISCOPADO LATINOAMERICANO

2.1 EM MEDELLÍN

A Segunda Conferência, aberta pelo Papa Paulo VI em Bogotá, no dia 24 de agosto no ano de 1968, mas que só foi realizada nesse mesmo ano entre os dias 26 de agosto e 6 de setembro do ano de 1968 em Medellín (Colômbia). Essa Conferência foi de grande relevância para acolher e pôr em prática as orientações e decretos do Concílio Vaticano II, que se apresentava ao mundo como uma primavera na Igreja. Se o Concílio abriu as possibilidades de discussão com o mundo, Medellín apresentou ao mundo o escandaloso drama da pobreza em que muitos homens e mulheres estavam inseridos. Assim, se pode pensar que Medellín é a ação criativa que preparou o terreno para a aplicação das conclusões do Concílio.

A esse respeito, o Concílio Vaticano II (1962-1965), que “representou e continua representando um novo tempo na vida da Igreja³²”, trouxe o grande apelo para que a comunidade cristã alargasse sua visão de mundo, interpretando assim as necessidades do homem em tempos atuais. Lourenço ressalta que “o Papa bom, como era conhecido João XXIII, sentia que a Igreja precisava recordar a intuição, a vivência, a caridade e o profetismo das primeiras comunidades cristãs”,³³ e mais ainda, precisava ser apresentada ao mundo como a Igreja de todos e de modo particular, como Igreja dos pobres. A esse respeito, assim diz o Pontífice em seu discurso um mês antes do início do Concílio Vaticano II:

Para os países em desenvolvimento a Igreja é apresentada como é e como ela quer ser, como Igreja de todos, especialmente como a Igreja dos pobres. Haverá que gritar e lamentar uma vez mais a cada nova ofensa e violação do quinto e do sétimo mandamento do sagrado Decálogo: o não fazer caso dos compromissos que se seguem do sétimo mandamento: as misérias da vida social, que pedem vingança na presença de Deus: é dever de todo homem, e dever mais urgente para o cristão, considerar o supérfluo com a medida das necessidades do próximo e cuidar bem para que na administração e distribuição dos bens criados seja feita em benefício de todos.³⁴

³² LOURENÇO, Vitor Hugo. **A “opção preferencial pelos pobres” como chave hermenêutica da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Revista de cultura Teológica, n.89. Jan/Jun 2017, p.387.

³³ LOURENÇO, Vitor Hugo. **A “opção preferencial pelos pobres” como chave hermenêutica da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Revista de cultura Teológica, n.89. Jan/Jun 2017, p.387

³⁴ JOÃO XXIII. Radiomensaje de su santidad Juan XXIII un mes antes de la apertura del Concilio Vaticano. Martes 11 de septiembre de 1962. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john->

Essa tônica discursiva conota a preocupação de São João XXIII para que a Igreja não se fechasse em si mesma, mais que assumisse o seu compromisso no combate as misérias da vida social. João XXIII desejava uma Igreja profética, que denunciasses os escândalos das injustiças, que cuidasse para que todos os direitos fossem garantidos ao povo, de modo particular, aos pobres³⁵. Segundo Lourenço, o Episcopado latino-americano entendeu bem o recado dado por São João XXIII e se antecipou na aplicação e reflexão das orientações do Concílio Vaticano II, promovendo a segunda Conferência em Medellín, assim diz Lourenço:

O Episcopado latino-americano, animado em colocar em prática as decisões do Vaticano II, marcou passo na história, quando após três anos de término do Concílio, realizou a segunda Conferência Episcopal latino-americana na cidade de Medellín³⁶.

Ainda no que concerne à Conferência de Medellín, vale lembrar que nesse período em que se tentava a aplicabilidade das decisões do Concílio Vaticano, a América Latina vivenciava duras realidades com as ditaduras militares que se espalhavam, em quase toda, ou se não, em toda a América Latina; o Brasil não era exceção. As décadas entre 1964-1985 de muito sofrimento e dor para toda a Igreja do Episcopado latino-americano, especialmente para o Episcopado do Brasil, pois a estabelecimento da ditadura militar provocou uma onda de repressão e opressão. Neste contexto, segundo Libânio, de fortes opressões, a Igreja vivência grandes perseguições, por defender o direito dos homens e mulheres que eram desrespeitados, presos e torturados³⁷. Diante dessa triste realidade, os bispos percebem que a Igreja não poderia ficar indiferente, mais que deveria ser solidaria com os que sofriam, como evidência Lourenço em seu texto:

Conscientes da realidade do continente, os bispos reunidos em Medellín reconhecem que a Igreja não poderia ficar indiferente as injustiças sociais existentes na América Latina. O documento que traz as Conclusões de Medellín está carregado de uma profunda solidariedade para com o povo que sofre³⁸.

xxiii/es/messages/pont_messages/1962/documents/hf_j-xxiii_mes_19620911_ecumenical-council.html. Acesso em: 31/05/2023. (Tradução Nossa)

³⁵ cf. **MEDELLÍN: memória, profetismo e esperança na América Latina**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018. p.131. Ney de Souza e Emerson Sbardelotti (organizadores).

³⁶ LOURENÇO, 2017, p.390.

³⁷ cf. LIBÂNIO, João Batista. **Igreja contemporânea**. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002; p.112.

³⁸ LOURENÇO, 2017, p. 391.

Deste modo, essa reflexão teológica, que é chamada a produzir efeitos práticos na vida da Igreja, é fruto do Concílio Vaticano II, cujo aprofundamento se deu na Conferência de Medellín ao abordar a importância do agir com justiça e de colocar o pobre no centro de sua opção³⁹. De igual modo, a Igreja compreende que “a permanente violação dos direitos humanos, especialmente dos pobres, constitui uma chaga que permanentemente sangra no continente latino-americano”⁴⁰, por isso ela fez a opção de estar sempre ao lado dos pobres, de ser denunciadora de injustiças e estar em prontidão para defender os direitos humanos para que os oprimidos tenham dignidade. A esse respeito diz Libânio:

Da parte da Igreja, seguem-se documentos e declarações cada vez mais contundentes contra a violação dos direitos humanos, na defesa dos perseguidos, na denúncia das arbitrariedades do regime, no alerta contra a direção que o desenvolvimento estava tomando⁴¹.

Assim sendo, Medellín toma como objetivo criar meios para a aplicabilidade, de modo mais concreto, as orientações do Concílio Vaticano II. Como a real situação da época era de forte repressão e injustiça, Medellín assume o tema da justiça como reflexão, de certa forma, obrigatório em sua atuação⁴². Desse modo, Medellín constata a grande miséria e injustiça em que vive o homem latino-americano, e que por esse motivo, muitos são obrigados a deixarem suas casas e compôs para se aventurarem em países que ofereçam oportunidades para saírem da miséria em que viviam. Isso tudo é relatado na II Conferência em Medellín da seguinte maneira:

Existem muitos estudos sobre a situação do homem latino-americano. O documento de trabalho preparado para esta II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano não será certamente o último. Em todos eles se descreve a miséria que marginaliza grandes grupos humanos em nosso povo. Essa miséria, como fato coletivo, se qualifica de injustiça que clama aos céus. Entretanto, o que talvez não se esclareceu suficientemente é que os esforços que foram feitos, em geral, não foram capazes de assegurar que a justiça seja respeitada e realizada em todos os setores das respectivas comunidades nacionais. As famílias, muitas vezes, não encontram possibilidades concretas de educação para seus filhos; a juventude reclama seu direito de entrar nas universidades ou em centros superiores de aperfeiçoamento intelectual ou técnico-profissional; a mulher reivindica sua igualdade, de direito de fato, com o homem; os camponeses pedem melhores

³⁹ LOURENÇO, 2017, p.391.

⁴⁰ BOFF, Leonardo. **O Caminhar da Igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à terra prometida.** Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1980, p. 88.

⁴¹ LIBÂNIO, 2002; p. 112.

⁴² cf. **MEDELLÍN: memória, profetismo e esperança na América Latina.** Petrópolis, RJ: Vozes. Ney de Souza e Emerson Sbardelotti (organizadores). 2018, p. 153.

condições de vida; os produtores, melhores preços e segurança na comercialização; a crescente classe média sente-se atingida pela falta de perspectivas. Iniciou-se um êxodo de profissionais e técnicos para países mais desenvolvidos; os pequenos artesões e industriais da América Latina são pressionados por interesses maiores e não poucos grandes industriais vão passando progressivamente a depender das grandes empresas internacionais. Não podemos ignorar o fenômeno desta quase frustração universal de legítimas aspirações, que cria o clima de angústia coletiva que já estamos vivendo⁴³ (DM 1,1).

Foi diante desse contexto, desafiador, que os bispos em Medellín se posicionaram em favor dos que mais sofrem, denunciando e mostrando ao mundo as velhas estruturas geradoras de injustiças que até então reinavam no continente latino-americano. Assim, a Conferência em Medellín, impulsionada pelo Concílio Vaticano II, assume a realidade dos injustiçados e reconhece a necessidade da formação da consciência cidadã para minimizar ou resolver os problemas que a sociedade vivenciava. Desse modo, Medellín se compromete em buscar estratégias para mudar suas estruturas sociais partindo da base com a formação da consciência, pois é com e pelo povo que a mudança de mentalidade deve acontecer. A esse respeito, afirma os bispos:

Desejamos afirmar que é indispensável a formação da consciência social e a percepção realistas dos problemas da comunidade e das estruturas sociais. Devemos despertar a consciência social e hábitos comunitários em todos os meios e grupos profissionais, seja no que se refere ao diálogo e à vivência comunitária dentro do mesmo grupo, seja no que se refere a suas relações com grupos sociais maiores (operários, camponeses, profissionais liberais, clero, religiosos, funcionários etc.) A tarefa de conscientizar e educar socialmente deverá ser parte integrante dos planos de Pastoral de Conjunto, em seus diversos níveis (DM 1,17).

E ao considerar essa perspectiva, é importante enfatizar mais uma vez que, se o Concílio Vaticano II se abre ao mundo, Medellín mostra ao mundo um mundo estruturalmente injusto e causador de grande opressão, e que por essa razão precisa de uma formação da consciência para superar a estrutura injusta, a qual aprisiona a população mais pobre. Não é de se estranhar que, em 1962 João XXIII disse: “Pensando nos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer realmente ser a igreja de todos, em particular, a igreja dos pobres”⁴⁴. Esse desejo do Papa, em pleno

⁴³ CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento do CELAM**: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004, n.1.1. (a partir daqui usaremos a referência no corpo do texto).

⁴⁴ JOÃO XXIII. Mensagem radiofônica a todos os fiéis Católicos. *In*: VATICANO II. Mensagens, discursos e documentos, cit., pp. 20-26, aqui p. 23.

decurso do Concílio, é acolhido por alguns bispos. Isso explica o porquê, segundo Lourenço, no “decorrer do Concílio, surgiu uma corrente que colocava os pobres como centro da ação evangelizadora e por isso comprometia-se com eles, inclusive a viver com eles”⁴⁵. Era de fato um novo tempo para a Igreja, e de modo muito particular a Igreja da América Latina que não mediu esforços para colocar em prática as orientações do Concílio. Dessa maneira, Medellín, para o Teólogo Aquino Júnior, “Pavimentou o que ficou depois conhecido como marca registrada da caminhada eclesial na América Latina: a opção preferencial pelos pobres”⁴⁶. A esse respeito, Aquino Júnior acrescenta:

Mais que um tema entre outros, ainda que um tema central e fundamental, a “opção pelos pobres” se tornou na Igreja e na teologia latino-americanas a perspectiva ou o ponto de vista fundamental a partir do qual todas as questões são tratadas e dinamizadas. E não se trata apenas de uma perspectiva ou de um ponto de vista sociológico, mas, antes e mais radicalmente, de uma perspectiva ou de um ponto de vista estritamente teológico, tal como aparece na Sagrada Escritura⁴⁷.

Essa centralidade dos pobres na reflexão e nas ações da Igreja, segundo Aquino Júnior, “alargou os horizontes abertos pelo Concílio, tanto do ponto de vista histórico (a situação concreta de nosso mundo) quanto do ponto de vista teológico/teológico (centralidade dos pobres na história da salvação)”⁴⁸. Dessa maneira, é perceptível que a opção preferencial pelos pobres ajudou a Igreja na América Latina a compreender a realidade que a cerca e a partir daí a projetar toda a sua ação pastoral, como também sua reflexão teológica⁴⁹. Isso tudo é visível na II Conferência de Medellín; de igual modo, a *introdução* do Documento expressa com clareza a preocupação da Igreja, especialmente com a América Latina, no que concerne à necessidade de desenvolvimento humano em vista de melhores condições de vida. Assim está descrito:

A Igreja latino-americana, reunida na II Conferência Geral de seu Episcopado, situou no centro de sua atenção o homem deste continente, que vive em momento decisivo de seu processo histórico. [...] A América Latina está evidentemente sob o signo da transformação e do desenvolvimento. [...] Isto indica estarmos no limiar de uma nova época da história de nosso continente.

⁴⁵ LOURENÇO, 2017, p.391.

⁴⁶ AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Teologia em saída para as periferias**. São Paulo: Paulinas; UNICAP, 2019, p.30-31.

⁴⁷ AQUINO JÚNIOR, 2019, p.30-31.

⁴⁸ AQUINO JÚNIOR, 2019, p.31.

⁴⁹ cf. AQUINO JÚNIOR, 2019, p.31.

Época cheia de anelo de emancipação total, de libertação diante de qualquer servidão, de maturação pessoal e de integração coletiva. Percebemos aqui, os prenúncios do parto doloroso de uma nova civilização. E não podemos deixar de interpretar este gigantesco esforço por uma rápida transformação e desenvolvimento como um evidente signo do Espírito que conduz a história dos homens e dos povos para a sua vocação. [...] Assim, como outrora Israel, o antigo Povo, sentia a presença salvífica de Deus quando ele o libertava da opressão do Egito, quando o fazia atravessar o mar e o conduzia à conquista da terra prometida, assim também nós: novo povo de Deus não podemos deixar de sentir seu passo que salva, quando se diz “verdadeiro desenvolvimento, que é, [...], a passagem de condições de vida menos humanas para condições mais humanas (DM, intr, n. 1;4;6).

Ainda em conformidade com Aquino Júnior, essas descrições dos bispos a respeito das transformações que a América latina vivenciava foram fundamentais para que a Igreja tomasse novas posições, e assim conseguia alcançar com maior eficácia o homem daquele tempo. Desta forma, percebe-se que o senso de realidade dos bispos, possibilitaram que a Conferência de Medellín alargasse a visão e compreensão do mundo em que estava em transformação por meio dos grandes temas que foram discutidos em Medellín. Isso pode se confirmar pelos dezesseis documentos, que abordam diferentes temas desde a justiça até meios de comunicações sociais, todos esses temas foram pensados no intuito da grande virada que o continente estava vivendo, saindo de uma condição menos humana para uma condição mais humana e integradora dos valores temporais a luz da fé⁵⁰. Neste aspecto, afirma Aquino Júnior:

Medellín historiciza social e teologicamente a “solidariedade” da Igreja com o mundo indicada pelo Concílio: seja explicitando sua estrutura injusta e opressora e colocando-se ao lado dos pobres e marginalizados, seja compreendendo e assumindo sua missão salvífica em termos de libertação das mais diferentes formas de injustiça, opressão e marginalização. E, ao fazê-lo, paradoxalmente, realiza uma nova “virada” e um novo “deslocamento” eclesial. Desta vez, para o mundo dos pobres e marginalizados, com consequências enormes para a ação pastoral e a reflexão teológica⁵¹.

Dentro desse contexto, segundo Lourenço, em meios às perseguições a “sacerdotes, consagrados e leigos impulsionados a chegar a lugares até então desconhecidos ou mesmo esquecidos”⁵², a Igreja vai ganhando um novo rosto, que a

⁵⁰ cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento do CELAM**: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo. São Paulo: Paulus, 2004. Intr.n.7;8.

⁵¹ AQUINO JÚNIOR, 2019, p.32-33.

⁵² LOURENÇO, 2017, p.393.

configurará como Igreja da libertação⁵³. Nessa perspectiva, almejavam uma Igreja capaz de conscientizar os fiéis acerca da necessidade de libertação para desamarrarem as algemas da opressão até então enraizadas na história do povo latino. Todas as reflexões se transformavam em teologia da libertação, “isto é, como reflexão crítica da práxis histórica à luz da Palavra [...] um momento do processo por meio do qual o mundo é transformado: abrindo-se [...] ao dom do Reino de Deus”⁵⁴. Dessa forma, foram construindo a teologia da América Latina, a partir da preocupação com os sofrimentos que atingia os pobres e marginalizados e com a necessidade de uma opção pelos pobres.

2.2 EM PUEBLA

A III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, realizou-se na cidade de Puebla, no México, com início nos dias 27/01 até 13/02/1979. A preocupação central do evento foi a questão da evangelização no presente e no futuro⁵⁵. Essa Conferência já vinha sendo esperada e comentada nas reuniões do CELAM, gerando uma certa expectativa, visto que “se comentava a necessidade de superar Medellín, que havia sido mal interpretada”⁵⁶. Segundo Ney de Souza, refletindo sobre os documentos de Puebla:

Essa mudança de rota teve início em 1972 depois da inesperada eleição de D. Alfonso López Trujillo como secretário-geral do Celam e uma modificação nos estatutos deste Conselho. Tem início a “Era López Trujillo”, é um claro distanciamento da TdL. [...] O bispo colombiano foi eleito secretário-geral do Celam por vontade da Cúria Romana contra os votos da maioria da assembleia, afirma o teólogo belga Joseph Comblin. [...] O secretário do Celam realizava uma engenhosa campanha de denúncias que consistia n“a TdL é marxismo disfarçado, a Clar é um magistério paralelo, as CEBs são Igrejas separada, condenada pelo Papa”⁵⁷.

Essa era a conjuntura vivida pela igreja quando deram início aos trabalhos da III Conferência em Puebla, um misto de desejo de mudança aliado à grandes tensões

⁵³ cf. AQUINO JÚNIOR, 2019, p.33.

⁵⁴ AQUINO JÚNIOR, 2019, p.33.

⁵⁵ cf. SOUZA, Ney de. **PUEBLA**: Igreja na América Latina e no Caribe: opção pelos pobres, libertação e resistência. Petrópolis, Rj: Vozes, 2019. p.71. In: SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (org.). Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe. Opção pelos pobres, libertação e resistência. Petrópolis: Vozes, 2019. Parte 1, cap. 2, p. 69-81.

⁵⁶ SOUZA, 2019, p.71.

⁵⁷ SOUZA, 2019, p. 71-72.

fora e dentro da Igreja. Em todo o caso, o que é o fundamental e mais importante, é que Puebla evidencia uma urgência profunda de conversão, que perpassa desde o pensamento até a atitudes para com os pobres. Essa Conferência retoma a posição de Medellín, que fez uma clara opção pelos pobres, e que agora é reafirmada em Puebla como uma “opção preferencial pelos pobres” (cf. DP, n. 1134) Vale a pena lembrar que, foi nessa Conferência que apareceu o conceito do objeto desse trabalho, “opção preferencial pelos pobres”. Retomando o assunto, mesmo diante da grande Conferência de Medellín, que evidenciou a pobreza vivida por homens e mulheres e a necessidade de uma evangelização que fosse capaz de também colocar os pobres como protagonistas, Puebla volta a denunciar a população que “continua vivendo em situação de pobreza e até de miséria” (DP, n. 1135).

Por essa razão, a Igreja fez questão de querer se envolver com a situação vivida pelo seu povo no intuito de promover uma evangelização integral da pessoa humana, assumindo a realidade dolorosa dos pobres e compadecendo-se deles. Por causa disso, a Igreja e os pobres passaram a sofrer perseguições e vexames de vários tipos, acusações de que agiam em função de ideologia marxista, ou de que estariam aliados à poderes políticos (cf. DP, n. 1138-1139). Com certeza, isso era uma calúnia para impedir o trabalho da Igreja.

Infelizmente, nas relações sociais se tornou comum os pobres, feridos pela pobreza moral ou matéria, serem rotulados como desprezíveis ou terem sua identidade ofuscada e escarnecida. Por esse motivo, a Igreja olhando para Cristo, assume o pobre como destinatário primeiro do Evangelho e de seus cuidados, como afirma o Documento de Puebla:

Só por este motivo, os pobres merecem atenção preferencial, seja qual for a situação moral ou pessoal em que se encontrem. Criados à imagem e semelhança de Deus para serem seus filhos, esta imagem está obscurecida e também escarnecida. Por isso Deus toma sua defesa e os ama. Assim é que os pobres são os primeiros destinatários da missão e sua evangelização é o sinal e prova por excelência da missão de Jesus⁵⁸ (DP, n. 1142).

Considerando o exposto, o Documento de Puebla fala dos pobres enquanto pobres mesmo; no sentido bíblico dos “*anawin*: os curvados, os oprimidos”⁵⁹ a saber,

⁵⁸ **Documentos do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, Medellín, Puebla e Santo Domingo.** São Paulo: Paulus, 2004, n. 1142.

⁵⁹ **Evangelização no presente e no futuro da América Latina: conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano.** 8.ed. São Paulo: Paulinas, 1986, p.56. (coleção sal da terra).

os que são carentes de bens materiais, dos explorados e segundo Gutiérrez: “mas também no plano da dignidade humana necessitam de plena participação social e política⁶⁰”. Deste modo, Puebla aponta para a necessidade da libertação integral da pessoa humana, não somente do aspecto da pobreza material, mas na inserção dos pobres na participação social e política, como qualquer cidadão que tem igual direito. Com relação a isso, Gutiérrez afirma que:

Os pobres não só estão privados de bens materiais, mas também no plano da dignidade humana necessitam de plena participação social e política. Nesta categoria se encontram principalmente nossos indígenas, agricultores, operários, marginalizados na cidade e, nestes setores sociais, muito especialmente a mulher, por sua condição duplamente oprimida e marginalizada⁶¹.

Com esse pensamento, Gutiérrez amplia a categoria de pobre e dos que precisam ser alcançados para uma melhor participação social e política, inclusive da mulher, um ser considerado incapaz e excluído das mais importantes decisões. Assim, o esforço de Puebla é para que todos abram os olhos para a realidade dos pobres, do outro que sofre e que é injustiçado. Assim, o Documento de Puebla expõe ao mundo as injustiças que aconteciam (e ainda acontecem) na América-Latina. Nesse contexto, os leigos, religiosos (as) e sacerdotes colaboraram com a causa da realidade da América-Latina e entraram com afinco em defesa da pessoa humana, fazendo com que a Igreja e suas instâncias superiores denunciasses as injustiças ocorridas contra o povo. Como esclarece o Documento de Puebla:

Verificamos que episcopados nacionais e numerosos setores de leigos, religiosos, religiosas e sacerdotes tornaram mais profundo e realista o seu compromisso com os pobres. Esse testemunho incipiente, mas real, levou a Igreja latino-americana à denúncia das graves injustiças derivadas de mecanismos opressores (DP, n. 1136).

Com base nas reflexões, compreendemos que a opressão que os homens e mulheres vinham passando era bem mais profunda que a fome de alimento. Na realidade, o povo sentia a fome não só de alimento, mais de justiça, de ter seus direitos garantidos, de presença amiga e militante, ser respeitado como pessoa e possuir um trabalho digno. Infelizmente, tudo isso se faz presente em nossos dias, não foi uma

⁶⁰ GUTIERREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1981, p. 210.

⁶¹ GUTIERREZ, 1981, p. 210.

realidade superada com a Conferência de Puebla, a todo tempo precisa ser revisitada e repensada para que novas ações estratégicas possam surgir e transformar a vida das pessoas.

Intensificando a necessidade de repensar essa realidade discutida em duas conferências na América Latina, a Campanha da Fraternidade 2023 cujo tema foi “Fraternidade e fome” também apresentou preocupação com o flagelo da fome de alimento e de outras formas de fome. A seguir, um trecho do exposto no texto-base:

O ser humano, contudo, não tem só fome de comida, isto é, necessidade de alimento saudável e nutritivo, ele tem fome de justiça, necessita de relações justas que lhe garantam a sobrevivência; tem fome de cidadania, quer ser respeitado como cidadão, tendo seus direitos e sua participação garantidos; tem fome de beleza- contemplar o belo através da arte, da música, ou de uma simples paisagem natural é uma necessidade humana que sacia a fome interior, reidrata a alma, harmoniza o coração-; tem fome de sentido, é racional, precisa compreender as razões dos acontecimentos da sua própria vida e da história da humanidade, a fim de direcionar suas ações; e, ainda mais, tem fome de transcendência, não se contenta, por sua própria natureza incompleta, com as realidades terrenas, deseja o infinito, “tem sede de Deus” (SI 41 [42],3) (CF 2023, n. 11)⁶².

Deste modo, a Campanha da fraternidade 2023 vem ampliar a visão do que é de fato a fome, mostrando que não é apenas uma realidade material, mas também uma dimensão transcendental do ser humano. Pois, encontramos em Jesus o ponto de equilíbrio - que não foge da tensão entre a fome material e a fome de transcendência, mais olhando para essas duas realidades as assume em sua encarnação. Vale ressaltar que, Jesus se encarnou pobre, viveu como os pobres (materialmente) e com os pobres, desposando a pobreza na Cruz abrindo-nos para a mais perfeita transcendência, a possibilidade de experimentar o Belo, o próprio Deus. Assim, fica evidente, que essas Conferências não têm outra razão de ser, senão a de seguir os passos de Jesus e de evidenciar que a opção preferencial pelos pobres é um anúncio explícito do próprio Cristo e de seu Reino. Deste modo, para corroborar tudo o que foi analisado até aqui, Puebla lança mão de uma citação do Papa João Paulo II dizendo que:

A opção preferencial pelos pobres tem como objetivo o anúncio de Cristo Salvador, que os iluminará sobre a sua dignidade, os ajudará em seus esforços de libertação de todas as suas carências e os levava à comunhão com o Pai e os irmãos, mediante a vivência da pobreza evangélica. “Jesus Cristo veio para compartilhar nossa condição humana com seus sofrimentos, suas dificuldades, sua morte. Antes de transformar a existência cotidiana, ele soube falar ao coração dos pobres, libertá-los do pecado, abrir seus olhos

⁶² CNBB. **Campanha da Fraternidade 2023**: texto-Base. Brasília: Edições CNBB, n.11.

para um horizonte de luz e enchê-los de alegria e esperança. Hoje, Jesus Cristo faz o mesmo. Está presente em vossas Igrejas, em vossas famílias, em vossos corações” (DP, n. 1153).

Diante do exposto, entendemos que abraçar a pobreza e a causa dos pobres é aderir ao próprio Cristo, pois não há um seguimento a Cristo sem a pobreza e não há pobreza sem Cristo⁶³. Considerando o mesmo princípio, a Conferência de Aparecida confirma o que vinha sendo apontado pelas demais conferências, a opção preferencial pelos pobres é Cristocêntrica e não ideológica, como ressaltou o Papa Bento XVI em seu discurso de abertura da Conferência, que depois foi assumido pelos bispos (DAp, n. 392). Em todo caso, a Conferência em Aparecida reforça a opção pelos pobres apontando para Cristo como modelo a ser seguido e vivenciado.

2.3 EM APARECIDA

Na esteira das grandes Conferências que se debruçaram sobre pontos centrais das problemáticas vividas em cada época, a V Conferência realizada em Aparecida/Brasil veio evidenciar as mudanças ocorridas que merecem ser analisadas. Na tentativa de encontrar respostas para o apelo do tempo presente, a V Conferência denota que a realidade que ora assola a humanidade é “uma crise de sentido” (DAp, n. 37), que afeta as relações das pessoas em todos os seus âmbitos, a saber: social, religioso, político e econômico. Desse modo, percebemos que as mudanças são profundas e precisam ser bem entendidas, pois tais mudanças, Segundo o autor Jesus, “tem forte incidência na realidade pastoral, o que nos faz entender que são novos tempos, que exigem novas posturas”⁶⁴. Assim é descrita a situação da realidade do tempo presente:

Vivemos uma mudança de época, e seu nível mais profundo é o cultural. Dissolve-se a concepção integral do ser humano, sua relação com o mundo e com Deus; “aqui está precisamente o grande erro das tendências dominantes do último século... Quem exclui Deus de seu horizonte, falsifica o conceito da realidade e só pode terminar em caminhos equivocados em receitas destrutivas. Surge hoje, com grande força, uma supervalorização da subjetividade individual. (DAp, n. 44).

⁶³ cf. CANTALAMESSA, 2014, p.42.

⁶⁴ JESUS, David Pereira de. **A Paróquia na perspectiva do Papa Francisco**: Uma leitura teológica-pastoral do que o Pontífice pensa sobre a conversão pastoral da Paróquia. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte, p.196, 2023, p.88.

O mundo atual vive uma dissociabilidade muito grande entre o humano e o transcendente, as pessoas estão cada vez mais afastadas de Deus, dos princípios evangélicos e isso é preocupante, pois afeta as relações interpessoais e, conseqüentemente, a dignidade do homem. Assim, ninguém tem empatia pela dor do outro, os governantes não se preocupam em oferecer políticas públicas que favoreçam o pobre em suas necessidades e nem realiza ações para redução da pobreza. Enfim, há um distanciamento do horizonte humano, onde cada um vai agindo por si, conforme suas concepções. Pensando nesse atentado à dignidade do homem, o documento enfatiza:

Dentro dessa ampla preocupação pela dignidade humana, situa-se nossa angústia pelos milhões de latino-americanos e latino-americanas que não podem levar uma vida que corresponda a essa dignidade. A opção preferencial pelos pobres é uma das peculiaridades que marca a fisionomia da Igreja latino-americana e caribenha. De fato, João Paulo II, dirigindo-se a nosso continente, sustentou que “converter-se ao Evangelho, para o povo cristão que vive na América, significa revisar todos os ambientes e dimensões de sua vida, especialmente tudo o que pertence à ordem social e à obtenção do bem comum” (DAp, n. 391).

Alia-se a esse fato a compreensão madura da opção preferencial pelos pobres, retomando a compreensão de que essa opção feita tem como fundamento a fé no Cristo que se fez pobre para nos enriquecer com sua pobreza (cf. DAp, n. 392). Em decorrência dessa compreensão, o autor Jesus diz que:

As conclusões de Aparecida nos fazem pensar que os bispos procuraram fazer uma síntese das conferências anteriores, e as complementou com reflexões amadurecidas por um episcopado que queria viver a missão como sua identidade. No que diz respeito à opção pelos pobres, assumida no continente latino-americano desde Medellín (1968), a profundada e estruturada como opção preferencial pelos pobres em Puebla (1979), em Aparecida foi retomada e proclamada a partir do fundamento de fé cristológica⁶⁵.

Assim sendo, o DAp reafirma a opção preferencial pelos pobres e descrever o rosto dos pobres de hoje⁶⁶, alargando assim a compreensão que Medellín e Puebla

⁶⁵ JESUS, 2023, p.90.

⁶⁶ A globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos pobres. Com especial atenção e em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os tóxico-dependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos

tinham acerca dos pobres, demonstrando que a realidade da pobreza é muito mais ampla do que se imagina. Ainda assim, a teologia latino-americana é marcada pela contemplação do rosto do Cristo sofredor, que sofre nos marginalizados, nos operários mal pagos, no morador de rua, na prostituta, nos desempregados, nos dependentes químicos etc. Pensando em Cristo crucificado, essa Conferência convida a todos a “solidariedade com atitude permanente de encontro, irmandade e serviço (DAp, n. 394), gerando gesto concreto que promova a transformação dos excluídos em incluídos, rompendo com a indiferença e promovendo a dignidade da pessoa humana.

Em decorrência dessa realidade, DAp traz acréscimos na compreensão da opção preferencial pelos pobres, considerando desde os novos rostos afetados pela pobreza até a proposta de que a opção pelos pobres “deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DAp, n. 396). Ao assumir a opção pelos pobres, todos somos chamados a “dedicarmos tempo aos pobres, prestar a eles amável atenção, escutá-los [...], acompanhá-los [...], e procurando, a partir deles, a transformação de sua situação” (DAp, n. 397). A proposta do Documento de Aparecida é a proposta que Cristo fez, de dar prioridade aos esquecidos e marginalizados (cf. Lc 14,13), sempre procurando meios para a superação da pobreza e libertação integral da pessoa humana. Segundo Jesus, um outro ponto que merece ser destacado é que:

Aparecida fez acréscimos naquilo que outras conferências já tinham apresentado no tocante a ser companheira dos pobres, porém recorda que, pelo fato de ser preferencial, a opção pelos pobres deve “atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DAp, 396), indicando um modo de vivência pastoral: “a opção pelos pobres deve nos conduzir à amizade com os pobres”, e recorda que os “pobres se fazem sujeitos da evangelização e da promoção humana integral: educam seus filhos na fé, vivem constante solidariedade entre parentes e vizinhos, procuram constantemente a Deus e dão vida ao peregrinar da Igreja” (DAp, 398) e, nesse encontro com eles, precisamos deixar-nos ser evangelizados, pois os pobres “dão-nos testemunho de fé, paciência no sofrimento e na luta constante para continuar vivendo” e seu exemplo nos evangeliza. Nesse sentido, podemos dizer que houve um alargamento da compreensão de quem são os pobres, apresentando-os através de duas listas de rostos sofredores, ao mesmo tempo que se identificou três elementos inseparáveis, a saber: a) quem opta pelo pobre se encontra com Jesus Cristo; b) quem opta pelo pobre deve ter compromisso com sua vida; e c) o pobre é sujeito da evangelização e, por isso, membro da comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus Cristo⁶⁷.

pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os trabalhadores das minas (DAp, n. 402).

⁶⁷ JESUS, 2023, p.90-91.

Dessa forma, é perceptível que a cada Conferência a compreensão de pobre e de opção pelos pobres vai se alargando. Deste modo, a saber, Medellín em 1968, abre-nos para a necessidade de uma opção pelos pobres, haja vista as problemáticas que vivia a América Latina. Já Puebla em 1979, acrescenta que se faz necessária ter uma preferência pelos pobres, cuja preferência deve ser inclusiva excludente. E na Conferência de Aparecida, em 2007, é reafirmada o conceito da a opção preferencial pelos pobres reconhecendo que nessa opção está implícita na fé cristológica do Cristo que se rebaixou para nos enriquecer. Desse modo, fica evidente que em nenhuma dessas Conferências foi negada a opção pelos pobres, mas sim estimulada e orientada como estilo de vida. A esse respeito, a Teologia da libertação tem dado para a Igreja grande testemunho de compromisso com os pobres, e de luta contra a estrutura política e social que não promove a libertação e a promoção da pessoa humana, talvez esse seja o motivo da TdL ser tão caluniada e perseguida.

3 A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO EM QUESTÃO

Não são raras as vezes que escutamos aqui e ali murmúrios, chacotas e repúdio quando se fala em “opção preferencial pelos pobres”. Parece que defender a ideia de “uma opção pelos pobres” é tornar-se subversivo, “revolucionário”, é ir contra o Magistério, a Tradição da Igreja e assim por diante. A pergunta que fazemos é, por que há resistência? Ou melhor, qual o motivo de tamanha preocupação com a temática da opção pelos pobres ser retomada, seria ela uma corrente que mancha a “imagem da Igreja”? ou seria a “Teologia da Libertação”⁶⁸ uma obra do “diabo” para ofuscar o brilho da “igreja” que é santa e que, por isso, não pode se nivelar aos pobres? Esses são alguns questionamentos que devem ser feitos na tentativa de compreender o motivo de tanta resistência à opção pelos pobres e à própria Teologia da Libertação. Deste modo, neste capítulo, veremos a controversa teológica que gira em torno da teologia da libertação, e conseqüentemente, da opção preferencial pelos pobres.

3.1 DA CONTOVÉRSIA TEOLÓGICA SOBRE A OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

Recentemente, essa discussão foi retomada com a publicação do livro “A crise da Igreja Católica e a teologia da libertação”⁶⁹; cujo autor é um grande teólogo, a saber, um dos pioneiros da teologia da libertação no Brasil, Clodovis Boff rompeu com a TdL e agora lança algumas críticas ao método da TdL e, evidentemente, à chamada “opção preferencial pelos pobres”. O frei Clodovis pontua que a crise da Igreja tem como causa o declínio da centralidade que é Cristo em detrimento ao mundo, “se a Igreja hoje declina é porque se inclina para o mundo, afastando-se de seu centro: a fé viva no Cristo vivo”⁷⁰. Deste modo, para Clodovis, a fé foi deixada em segundo plano em razão de coisas secundárias, como os problemas sociais, por exemplo, segundo Boff:

⁶⁸ A partir daqui usaremos as siglas TdL no corpo do texto para se referir a teologia da libertação.

⁶⁹ cf. BOFF, Frei Clodovis Maria. **A crise da Igreja Católica e a teologia da libertação**. Campinas: Ecclesiae, 2023.

⁷⁰ BOFF, 2023, p.21.

[...] quando falamos aqui da fé como detendo o primado, a prioridade ou centralidade da Igreja, estamos falando de modo absoluto e não de modo relativo. Referimo-nos, pois, ao *primum* no plano dos fins e não no dos meios. Falamos, entre outras coisas, do que é primeiro na “escala do importante” e não na “escala do urgente”. Porquanto é claro que questões como a fome ou a violência podem bem constituir o mais “urgente” e, portanto, o primeiro numa determinada Igreja, deixando então como entre parêntesis as relativas ao anúncio evangélico ou à liturgia. Estas últimas, contudo, são as “importantes”, e é em vista delas que as “urgentes” devem ser tratadas. Mas uma instituição que confunde o urgente com o importante não tarda em entrar em crise, como é, para nós, o caso da Igreja hoje⁷¹.

Em razão dessa realidade, Clodovis evidencia que o mais importante é o anúncio do evangelho, depois a preocupação em assistir o irmão. Tais considerações apontam para o declínio numérico de católicos, que Clodovis relaciona com a falta de expressividade da fé na pessoa de Jesus. Segundo o autor “a Igreja declina porque a evangelização declina e a evangelização declina porque a fé declina”⁷². Convém salientar que a fé é o que move o crente a anunciar a Jesus, na ausência da fé falta de igual modo a vontade de evangelizar, e assim a Igreja não caminha porque não cumpre o que lhe é próprio, evangelizar.

Contudo, sua crítica não parte da perspectiva da Igreja pobre ou da opção preferencial pelos pobres, como diz ele: “até aí, nada há para questionar, antes, há tudo para admirar e apoiar, mas sim do modo como essa opção se dá”⁷³. Para Clodovis, a centralidade no pobre “desloca o religioso para o segundo plano, corre-se o risco de alterar seriamente a missão própria da Igreja, que é ‘religiosa’ e não ‘social’”⁷⁴. Segundo Clodovis:

[...] importa sempre recordar e ter claro e firme na consciência este ensino elementar: a Igreja existe *in primis* para a evangelização, não para a promoção humana. Sua finalidade específica não é a libertação social e histórica, mas a salvação espiritual e eterna de cada pessoa. O dever primeiro da Igreja não é matar a “fome de pão”, que para isso existem o Estado e a sociedade organizada, mas matar a “fome de Deus” que todo ser humano sente em seu profundo. [...]. Por outras, ela é feita, antes de tudo, para tratar das “questões existenciais” e dar-lhes a resposta espiritual de que é portadora. Ela é “perita em humanidade”, como se exprimia Paulo VI (*Populorum progressio*, 13) e não em “problemas sociais”, como a fome, a violência, a guerra, as doenças ou o aquecimento global, conquanto passa e deva dar sua contribuição também para tais problemas-jamais, porém, em detrimento de sua missão primeira e maior, antes, a partir e na base do vigor dessa mesma missão⁷⁵.

⁷¹ BOFF, 2023, p. 27-28.

⁷² BOFF, 2023, p. 50.

⁷³ BOFF, 2023, p. 52.

⁷⁴ BOFF, 2023, p. 52.

⁷⁵ BOFF, 2023, p. 52-53.

De certa forma, o ponto de vista de Clodovis é válido, no que concerne à centralidade da fé, ao anúncio explícito da pessoa de Jesus Cristo, mas dizer que não é missão da Igreja cuidar e zelar pela promoção humana em detrimento da sua missão fundamental, é um tanto problemático, pois uma coisa leva a outra, são ações indissociáveis. Para o referido autor, o pobre tomou o lugar de Deus, ou melhor, a inversão desse princípio, Deus e pobre, é a causa do problema⁷⁶, porém não se pode esquecer que o próprio Cristo fez do pobre o centro, quando se coloca no centro ao dizer “foi a mim que o fizeste” (cf. Mt 25, 31-46). Mesmo que seja uma presença passiva⁷⁷, Cristo quis o pobre no centro quando diz que está no pobre.

Voltando à crítica de Clodovis ao método da TdL, notamos que para ele a inversão do princípio - do pobre para Deus - ocasiona um erro grave, pois a fé fica funcionalizada em nome da libertação. Neste sentido, a TdL perde a identidade de teologia e compromete a causa da opção preferencial pelos pobres que é tão defendida nos discursos teológicos dessa teoria libertadora. Desse modo, afirma o autor:

A posição da TdL, em relação ao fundamento, mostra-se, na maioria dos casos, ambígua e confusa. Tal posição introduz naquela teologia uma deriva que a leva à “inversão dos polos”, fazendo do pobre o princípio central da teologia. Aí a fé em Cristo fica funcionalizada em favor da temática da libertação, reduzindo-se assim a ideologia. O efeito final é a perda da identidade da teologia, comprometendo inclusive a própria causa do pobre⁷⁸.

É importante salientar que em toda a obra Clodovis segue criticando a TdL em torno da inversão dos princípios citados e, conseqüentemente, o fundamento dos teólogos que a defendem. Como já foi citado acima, essa crítica de Clodovis gira em torno do princípio e do fundamento da TdL, a centralidade do pobre. Destacamos as críticas, todavia isso não quer dizer que concordamos com elas, foi apenas para dialogar com a visão de outro teólogo que conheceu a fundo a TdL e a chamada opção pelos pobres. É notório que a preocupação de Clodovis não é com a “opção preferencial pelos pobres”, ele até admite que é algo para se “admirar e apoiar⁷⁹”, mas o ponto alto da crítica dele é como se faz essa opção. Em todo caso, as críticas de

⁷⁶ BOFF, 2023, p. 90.

⁷⁷ cf. CANTALAMESSA, 2014, p.16.

⁷⁸ BOFF, 2023, p. 115.

⁷⁹ cf. BOFF, 2023, p. 52.

Clodovis, não ficaram sem respostas, grandes teólogos reagiram a essas afirmações de Clodovis com artigos bem fundamentados, como foi o caso do professor e teólogo Francisco de Aquino Júnior⁸⁰. A esse respeito veremos agora a refutação de Aquino Júnior as críticas de Clodovis.

3.1.1 Refutação à controvérsia teológica de Clodovis Boff

Diante da compreensão do frei Clodovis Boff no que diz respeito à TdL e à opção pelos pobres, o teólogo Francisco de Aquino Júnior⁸¹ refuta a controvérsia teológica que gira em torno do conceito da *universalidade* da salvação e a *transcendência* de Deus. Contra a crítica de uma parcialidade de Deus aos mais pobres assim escreve Aquino:

Uma das objeções mais comuns e bastante difusas-muitas vezes de modo sutil- contra a “opção pelos pobres” é que ela comprometeria a universalidade do amor de Deus e sua salvação. Para isso, apela-se a uma determinada compreensão de Deus e de seu agir: “imparcial”, “justo”, “ama e trata igualmente a todos”, “não faz distinção de pessoas”, “não olha para situação de classe, raça, sexo”, “não exclui ninguém”, “não tem preferência nem toma partido” etc. Nessa perspectiva, falar de parcialidade de Deus ou de sua “opção pelos pobres” seria ou acabaria levando a uma ideologização da teologia, isto é, uma instrumentalização da teologia por determinados grupos ou interesses sociais. Isso negaria ou comprometeria a universalidade do amor de Deus que ama indistinta e igualmente todos os seres humanos independentemente de classe, raça, sexo etc. e, conseqüentemente, a universalidade do amor cristão que também deve amar de igual modo todos os seres humanos, independentemente de sua situação de classe, raça, sexo etc. E, no fim das contas, terminaria negando ou comprometendo a universalidade da salvação que é oferecida a todos indistintamente⁸².

⁸⁰ **Conferir os artigos, a saber:**

Em Abril de 2008, Luis Carlos e Érico João Hammes. **A Teologia da Libertação e a questão de seus fundamentos**. REB, n. 270, v.68, 2008, pp.277-299.

Em Julho de 2008, Francisco de Aquino Júnior. **Clodovis Boff e o método da TdL: uma aproximação crítica**. REB, n.271, v, 68, 2008, pp. 597-613.

Leonardo Boff. **Pelos pobres contra a estreiteza do método**. REB, n. 271, v. 68, 2008, pp. 701-710.

Em Outubro de 2008, Clodovis Boff. **Volta ao fundamento: réplica**. REB, n. 272, v. 68, pp. 892-927.

Em Janeiro de 2009, José Comblin. **As estranhas acusações de Clodovis Boff**. REB, n. 273, v. 69, 2009, pp. 196-202.

Em Abril de 2009, João Batista Libânio. **Excesso de zelo metodológico**. REB, n. 274, v. 69, 2009, pp. 472- 474.

⁸¹ **FRANCISCO DE AQUINO JÚNIO**, estudou Filosofia na Universidade Estadual do Ceará, com graduação e mestrado em Teologia pela FAJE, de Belo Horizonte, e doutorado em Teologia pela Westfälischen Wilhelms- Universität, de Munster, Alemanha. Presbítero da Diocese de Limoeiro do Norte-CE e professor de Teologia na Faculdade Católica de Fortaleza e da universidade Católica de Pernambuco. Autor do livro: Teologia em saída para as periferias, que usaremos neste trabalho.

⁸² AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 145-146.

Deste modo, notamos que a crítica é fundamentada na perspectiva de que Deus ama a todos sem distinção. De certo modo, isso é verdade, mas não se pode negar que o próprio Deus foi parcial ao ver o sofrimento de seu povo, Ele se compromete, se envolve, se compadece e escolhe ficar ao lado dos oprimidos e injustiçados (cf. Ex 3,7-15). Neste sentido, a crítica de que Deus não tenha uma parcialidade parece inconsistente, tanto que tomou as dores do povo sofredor de Israel, e para o escândalo de muitos, fez um com os pobres como vemos no Evangelho de Mateus (cf. Mt 25,31-46). Querer dizer que Deus é imparcial, é um grande equívoco, evidentemente, o Criador tem sua preferência pelos pequenos e excluídos, como evidência Aquino Júnior:

[...] De modo que, na perspectiva cristã, não se pode falar de um Deus universal no sentido de que não é parcial pelos pobres ou que é imparcial. Na verdade, a universalidade de seu amor e de seu desígnio salvífico, se se quer falar assim, é historicidade/mediada por sua parcialidade pelos pobres e marginalizados. É uma universalidade parcial. Essa parcialidade não nega nem compromete a universalidade de seu amor e de sua ação salvífica, mas determina a “a partir de onde” (pobres e marginalizados) e o “como” (processo de libertação) de sua realização histórica: é para todos (universalidade), mas se realiza a partir dos pobres e marginalizados e de seus processos de libertação (parcialidade)⁸³.

Ainda nesse contexto, para Aquino Júnior, “num contexto de desigualdade ou assimetria, não há verdadeira universalidade (também teológica!), se não mediada por meio da parcialidade pelo mais fraco”⁸⁴. Deste modo, querer e acreditar na ideia de uma universalidade que equalize ricos e pobres, é desviar o olhar das dores dos que sofrem em detrimento da parcialidade pelos mais poderosos. Alguns, para fugir da responsabilidade que a parcialidade exige, usa a Palavra de Jesus que diz: “pobres sempre tereis”, mas se esquece que o mesmo Cristo afirma: “cada vez que o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Neste sentido, a crítica é um tanto equivocada! Pois, não se pode negar, que se queremos uma libertação integral dos excluído e pobres, temos que ser parciais, tendo sempre uma preferência pelos pobres, pois são eles os que mais precisam dos cuidados e da nossa proximidade enquanto cristãos.

Um segundo aspecto da refutação de Aquino Júnior é referente ao conceito de transcendência. Segundo Aquino, para o frei Clodovis a TdL colocou o pobre no

⁸³ AQUINO JÚNIOR, 2019, p.147.

⁸⁴ AQUINO JÚNIOR, 2019, p.147.

centro, no lugar de Cristo, o que para Clodovis seria um perigo, uma vez que essa inversão de Deus para o pobre levaria a um imanentismo que comprometeria a transcendência de Deus, mudando assim a centralidade de Deus para os pobres. Segundo Clodovis: “o erro fundamental dessa corrente teológica foi ter feito da opção pelos pobres o princípio primeiro da teologia. Esse é seu pecado original, o *próton pseudos* que afeta/infeta toda teologia⁸⁵”. É notório que a discussão a respeito dessa crítica é complexa, por se tratar de vários aspectos da teologia. Aqui ficamos com a compreensão de Aquino Júnior que começa a refutação da seguinte maneira:

[...] Do ponto de vista estritamente epistemológico, poderíamos discutir tanto a concepção de saber ou conhecimento quanto a concepção de Deus pressupostas na crítica. Aqui, interessa-nos considerar apenas a concepção de Deus que está por trás dessa crítica⁸⁶.

Ainda segundo Aquino Júnior:

Clodovis Boff reconhece que os teólogos da libertação não negam que “o Deus de Jesus Cristo” é o princípio da teologia, não rejeitam “a primazia de Deus e da fé” na teologia, aceitam que “seja a fé no Deus revelado o princípio primeiro da teologia”. No entanto, diz ele, na prática, “a TdL é toda feita na ‘ótica do pobre’”; “a ‘opção pelos pobres’ seria seu eixo ou centro epistemológico”, seu “ponto de partida”. E nisso que consistiria para ele a “ambiguidade epistemológica” ou mesmo a “inversão” de princípios acerca do fundamento dessa teologia⁸⁷.

No entanto, devemos levar em conta a parcialidade de Deus pelos fracos e pobres. Essa compreensão da parcialidade de Deus é a característica da TdL, que pensa e o compreende Deus como parcial, devido ter optado por ficar sempre ao lado dos pobres e marginalizado. Então, podemos enfatizar que não foi a TdL que colocou o pobre no centro, mas foi o próprio Cristo por meio de sua encarnação, confirmando ainda mais quando disse que “cada vez que o fizeste a um desses meus irmãos, a mim o fizestes” (Mt 25,40). Cristo quis que o pobre, o desvalido e excluído fossem acolhidos com uma parcialidade especial. Desde o Antigo Testamento, a parcialidade do Deus de Israel pelo seu povo oprimido era explícita e encorajadora. Portanto, ter parcialidade pelos pobres não representa nenhuma gravidade. E continua Aquino Júnior:

⁸⁵ BOFF, 2023, p. 64.

⁸⁶ AQUINO JÚNIOR, 2019, p. 149.

⁸⁷ AQUINO JÚNIOR, 2019, p.149-150.

O que Boff parece não perceber é que a parcialidade pelos pobres que caracteriza e determina radicalmente a teologia da libertação (está na raiz, atua como princípio) é uma *parcialidade teológica* que diz respeito ao mistério mesmo de Deus tal como ele se revelou na história de Israel e definitivamente na vida de Jesus de Nazaré. E parece não perceber porque parte de uma concepção filosófica de Deus (aristotélico-tomista) que é incompatível ou pelo menos tem muita dificuldade de assumir teoricamente a parcialidade de Deus pelos pobres (revelação judaico-cristã). Daí seu drama epistemológico: não pode negar pura e simplesmente essa parcialidade porque isso significaria negar a revelação de Deus em Israel e em Jesus Cristo. Mas não consegue articular de modo conseqüente sua concepção filosófica de Deus com essa característica fundamental do Deus da revelação. E fica fazendo malabarismos silogísticos entre um “primeiro” (absoluto) e um “segundo” (parcialidade) num esforço sempre fracassado de “relacionar” o que não passa de “relatos” (absoluto x parcial) que, si mesmos, não se implicam essencialmente. Seu drama epistemológico tem a ver, portanto, com a necessidade e a dificuldade de falar de um absoluto (reflexão filosófica) que é em si mesmo parcial (revelação bíblica)⁸⁸.

Dessa maneira, Segundo Aquino, a grande problemática na crítica de Clodovis é que ele parte de uma concepção filosófica para tratar de Deus. Não que seja negativo o diálogo da filosofia com a teologia, mas o fundamento da reflexão teológica cristã deve ser “sempre a revelação de Deus em Israel e definitivamente em Jesus Cristo⁸⁹”. Diante disso, podemos falar sim da “absoluto de Deus como fazem os filósofos, sabendo que, na perspectiva cristã, trata-se sempre de uma absoluto parcial⁹⁰”, porém não excludente. A parcialidade de Deus pelos pobres e marginalizados não esgota o seu mistério, ao contrário, transborda. Para Aquino Júnior:

Embora a parcialidade pelos pobres e marginalizados não esgote o mistério do Deus cristão, é uma de suas características essenciais, a ponto de não se poder falar dele (nem de suas demais características ou notas) independente e/ou anteriormente a essa parcialidade: é um Deus parcial; sua absoluto é uma absoluto parcial etc. Isso faz da teologia cristã uma teologia essencial e principalmente parcial, sem que isto signifique “ambigüidade” ou “inversão” de princípios, comprometendo seu estatuto epistemológico⁹¹.

Em todo caso, ao falar de Deus devemos levar em consideração a revelação em Israel e em Jesus Cristo; de igual modo, devemos estar atentos que na revelação Deus se mostra como parcial e, por essa razão, fé Nele é também parcial pelos pobres e oprimidos. Nessa ótica, o Deus de Israel se revela na história da humanidade como

⁸⁸ AQUINO JÚNIOR, 2019, p.150.

⁸⁹ AQUINO JÚNIOR, 2019, p.151.

⁹⁰ AQUINO JÚNIOR, 2019, p.151.

⁹¹ AQUINO JÚNIOR, 2019, p.152.

um Deus parcial, um Pai atuante, que tem uma preferência (sem ser excludente) pelos oprimidos e marginalizados. Assim, com maior clareza evidencia o autor ao afirmar:

E esse Deus (não qualquer Deus!) se mostra e se dá a conhecer como um Deus presente e atuante na história (por mais transcendente que seja: transcende na história e não da história) e partidário dos pobres e marginalizados: pobres, órfão, viúva, estrangeiro... (por mais universal que seja em seu amor e em seu desígnio salvífico). De modo que nenhum discurso sobre Deus e/ou sobre a experiência de Deus que prescindia e menos ainda que se contraponha à sua atuação histórica e parcial pelos pobres e marginalizados pode ser tido como cristão em sentido estrito⁹².

Tendo consciência dessa complexidade, da controvérsia que gira em torno da opção preferencial pelos pobres, resta-nos ficar com a ideia de Aquino Júnior, que evidencia com clareza que Deus tem sim uma preferência pelos pobres e que por esse motivo, os teólogos e os adeptos da TdL presam pela centralidade do pobre na reflexão teológica. Neste aspecto, apesar das críticas, se percebe que a TdL se dedicou muito ao cuidado e ao compromisso com os pobres. Assim, não só a TdL, mas o Papa Francisco tem expressado com frequência a importância da centralidade do pobre, visto que o pobre tem muito a nos ensinar. Por essa razão, é preciso se pensar em uma Igreja que seja comprometida com os pobres e com suas causas.

3.2 EVANGELIZAR OS POBRES

É preciso considerar também que a maior caridade que podemos fazer aos pobres é acompanhá-los até que cheguem ao conhecimento de Jesus Cristo. Pois são os pobres os destinatários principais do Evangelho.

3.2.1 Aproximação como meio de evangelização

Para a nova evangelização é preciso lembrar-se sempre dos mais pobres. Mais do que lembrar, é preciso criar meios para inseri-los nas comunidades, torná-los membros e fazê-los se sentirem pertencentes àquelas comunidades. “O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência” (EG, 199), mas sim na atenção, cuidado, tempo para escutá-los; foi o que fez o samaritano (cf. Lc 10,34). A Igreja deve ser a hospedaria (cf. Lc 10,34), o

⁹² AQUINO JÚNIOR, 2019, p.154.

lugar onde os pobres encontram descanso; a Igreja deve ser o lugar dos aflitos, dos injustiçados (cf. Mt 5,5-6), pois é onde eles podem gritar a Deus e Deus os escutará (cf. Sl 34,7). Segundo Cantalamessa:

[...] A Igreja dos pobres não abrange somente os pobres da Igreja, mas, em certo sentido, todos os pobres do mundo, quer batizados quer não. Sua pobreza e sofrimento é seu batismo de sangue. Se cristãos são aqueles que foram “batizados na morte de Cristo” (Rm 6,3), quem mais que eles é batizado na morte de Cristo?⁹³.

Neste aspecto, a evangelização dos menos favorecidos, parte do amor, pois é “a partir dessa proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação” (EG, 199). É amando sem ideologias, simplesmente porque o outro é um irmão e pode contar conosco: “só isto tornará possível que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã, como ‘em casa’” (EG, 199). Sem dúvida, a missão das comunidades e da Igreja é inserir os pobres nas suas atividades pastorais, de tal maneira que eles reconheçam nas comunidades a sua casa, ou seja, vivenciem o sentimento de pertença. Segundo Raniero, “Nossa Igreja deve ser o lugar na terra onde se possam sentir em casa, acolhidos e não meramente tolerados”⁹⁴. Essa acolhida deve ser para todos, batizados e não batizados, todos devem ser acolhidos e amados. Neste aspecto, diz Cantalamessa:

Mas – objetam-se – nem sempre os pobres têm fé! É verdade, mas teriam por acaso fé as crianças no momento de ser batizadas? Têm-na em lugar delas – insiste-se – os pais, padrinhos, a Igreja. E o que impede – respondo -, nesse caso, que a Igreja tenha a fé em lugar deles, que “a Igreja supra”, como se diz em teologia? Dizemos que nas crianças a graça prevalece também sobre a fé, a iniciativa livre e gratuita de Deus sobre sua resposta consciente. Aliás, teriam fé os Meninos Inocentes? E, no entanto, não os veneramos como santos? Eles sofriam por Cristo, mas no caso dos pobres dá-se até mais: Cristo sofre neles⁹⁵.

Ao considerar essa perspectiva, é importante enfatizar que os pobres são os destinatários primeiros do Evangelho: “Felizes os pobres no espírito, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5,3). Em quase todas as passagens bíblicas, Jesus fala diretamente aos mais humildes, mostrando-nos que não podemos privá-los de escutar o Evangelho e de serem acompanhados em suas dificuldades. É nosso dever,

⁹³ CANTALAMESSA, 2014, p. 18.

⁹⁴ CANTALAMESSA, 2014, p. 20.

⁹⁵ CANTALAMESSA, 2014, p. 18.

enquanto cristãos, proclamar aos pobres a Palavra de Deus, adaptando-a ao meio deles, para que se fortaleçam espiritualmente e lutem por libertação, uma vez que a maioria tem uma grande abertura a fé e que, por isso, sentem necessidade da amizade com Deus e de proximidade das pessoas que são de Deus, da Igreja. Dentro desse contexto, ressalta o Papa:

Dado que esta Exortação se dirige aos membros da Igreja Católica, desejo afirmar, com dor, que a pior discriminação que sofrem os pobres é a falta de cuidado espiritual. A imensa maioria dos pobres possui uma especial abertura à fé; tem necessidade de Deus e não podemos deixar de lhe oferecer a sua amizade, a sua bênção, a sua Palavra, a celebração dos sacramentos e a proposta de um caminho de crescimento e amadurecimento na fé. A opção preferencial pelos pobres deve traduzir-se, principalmente, numa solicitude religiosa privilegiada e prioritária (EG, 200)⁹⁶.

Deste modo, pede o Papa que os membros da Igreja Católica criem proximidade, uma vez que os pobres são nossos irmãos. Assim sendo, concebemos que os pobres deixam de serem “pobres” e passam a serem irmãos, não tendo mais a estranheza e a tentação de pensar que a comunidade é lugar de privilegiados. Essa mudança de mentalidade faz toda a diferença no processo de evangelização. Na comunidade, o pobre não é visto como pobre, mas como irmão. A pobreza é diluída na comunidade a ponto de não se saber quem é rico ou quem é pobre. Na comunidade todos gozam da irmandade que os iguala. Neste sentido, o Papa Francisco tem expressado com frequência o desejo de uma Igreja que seja comprometida com os pobres.

3.3 A IGREJA E O COMPROMISSO COM OS POBRES

Em uma audiência geral, o Papa Francisco, logo no início de seu pontificado, afirmou que desejava uma “igreja pobre e para os pobres”. Essa fala de Francisco revelava o caminho pastoral e teológico que o Pontífice assumiria para toda a Igreja. Deste modo, sentido Francisco resgata o conceito de opção preferencial pelos pobres que já havia sido mencionado pelas Conferências do CELAM.

⁹⁶ PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica do Papa Francisco: *Evangelii Gaudium*** – A Alegria do Evangelho. Edições CNBB, 2013.

Neste capítulo abordaremos a perspectiva do Papa Francisco para “uma Igreja pobre para os pobres”. Veremos a abordagem teológica dessa perspectiva na visão do Sumo Pontífice.

3.3.1 Uma Igreja simples

Se perguntássemos qual seria o slogan que define o Pontificado do Papa Francisco, talvez a resposta seria: “uma Igreja pobre e para os pobres”. Essa é uma marca evangélica que perpassa o pensamento e o ministério pastoral de Francisco, e que provocou uma verdadeira reforma pastoral na Igreja⁹⁷. Assim, para o Papa Francisco, segundo Aquino Júnior, uma igreja pobre e para os pobres significa: “*pobre no jeito de ser [...] e comprometida com os pobres*”⁹⁸, o que é uma profecia importante para esse tempo em que o simples parece não ser mais motivo de atração.

Ainda segundo às concepções de Francisco, também se encontra na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* outra afirmação dele afirma: “Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica”⁹⁹(EG,198), isso pelo fato de que os pobres têm no coração de Deus um lugar especial, “tanto que até Ele mesmo ‘tornou-se pobre’ (2Cor 8,9)” (EG, 197). Por essa razão, todos os cristãos, de alguma forma devem assumir o compromisso da opção pelos pobres, cuja opção é Cristológica, como afirmou Bento XVI em seu discurso em Aparecida (cf. DAp, n. 392). Neste sentido, adverte a EG:

Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, “os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho”, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos! (EG, 48).

Neste aspecto, Francisco aponta que na raiz de nossa fé está o cuidado com os pobres, mostrando a “conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana” (EG, 178), que são dois pontos inseparáveis e necessários para uma boa evangelização. Assim, a indiferença com os pobres e a marcante ausência de

⁹⁷ cf. AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 9.

⁹⁸ AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 9.

⁹⁹ PAPA FRANCISCO. Exortação Apostólica: **Evangelii Gaudium** – A alegria do Evangelho. Brasília: Edições CNBB, 2013. (A partir daqui usaremos a sigla EG no corpo do texto).

solidariedade para com eles influenciam diretamente sobre a nossa relação com o transcendente” (cf. EG, 187). Por esse motivo, todo cristão é chamado a ser auxílio ao pobre, a ajudar no processo de libertação e de integração na sociedade. Para que isso seja possível, acrescenta a EG:

[...] Isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo. [...]. Ficar surdo a este clamor, quando somos os instrumentos de Deus para ouvir o pobre, coloca-nos fora da vontade do pai e do seu projeto, porque esse pobre não “clame ao Senhor contra ti e te tornes culpado de pecado” (Dt 15,9). E a falta de solidariedade, nas suas necessidades, influi diretamente sobre a nossa relação com Deus (EG, 187).

Deste modo, é evidente que a opção pelos pobres está no coração do Evangelho, e por isso, não é opcional, mas é dever de todo cristão. Na verdade, o Papa Francisco usa apenas o termo opção pelos pobres, “sem os receios, os escrúpulos e as ponderações que, em décadas anteriores, se traduziam numa série de adjetivos (preferencial, não exclusiva nem excludente etc.)¹⁰⁰. E continua Aquino Júnior no mesmo parágrafo:

[...], mas que explicitar e precisar seu sentido, terminavam por enfraquece-la e torná-la irrelevante na vida da Igreja: já em *Puebla*, a “opção pelos pobres” é afirmada como “opção preferencial e solidaria” (1134) e “não exclusiva” (1165), num tom claramente corretivo, como se pode comprovar no próprio texto (cf.1134). *Santo Domingo* segue o mesmo caminho, falando de uma “opção evangélica e preferencial, não exclusiva nem excludente” (178). E *Aparecida*, mesmo sem o tom corretivo de *Puebla* e *Santo Domingo*, não deixa de reafirmar ou advertir que se trata de uma opção “não exclusiva, nem excludente” (392)¹⁰¹.

Assim, Francisco tem a delicadeza de driblar as ideologias que não ajudam, pelo contrário, enfraquecem e prejudicam a adesão à opção preferencial pelos pobres. Neste sentido, a exortação de Francisco é para que a mensagem, opção pelos pobres, não seja ofuscada por ideologias ou coisas secundárias, mas que se mantenha evidente como é claro e objetivo o Evangelho, isso ajuda as pessoas de boa fé a se comprometerem com o próximo, assumir a opção pelos pobres com entusiasmo e ardor. A esse respeito, o Pontífice esclarece:

É uma mensagem tão clara, tão direta, tão simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar. A reflexão da Igreja sobre estes textos não deveria ofuscar nem enfraquecer o seu sentido exortativo,

¹⁰⁰ AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 12.

¹⁰¹ AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 12.

mas antes ajudar a assumi-los com coragem e ardor. Para quê complicar o que é tão simples? As elaborações conceptuais não de favorecer o contato com a realidade que pretendem explicar, e não nos afastar dela. Isso vale sobretudo para as exortações bíblicas que convidam, com tanta determinação, ao amor fraterno, ao serviço humilde e generoso, à justiça, à misericórdia para com o pobre (EG, 194).

Contudo, podemos ressaltar que a opção pelos pobres tem seus fundamentos, a priori: “da nossa fé em Jesus Cristo” (EG, 186), como também da “própria obra libertadora da graça em cada um de nós” (EG, 188). Desse modo, a opção pelos pobres não é uma questão opcional, mas sim, um elemento constitutivo da nossa fé em Jesus Cristo e sua Igreja (cf. EG, 48). Por esse motivo, todos, comunidades e cristão, “são chamados, em todo lugar e circunstância, a ouvir o clamor dos pobres” (EG, 191) e a lutar pela libertação e promoção integral deles. Para isso, a Igreja não pode se tornar indiferente, mas deve ser uma Igreja pobre e para os pobres.

3.3.2 Por uma Igreja para os pobres

A centralidade nos pobres e marginalizados é a característica da visão teológico-pastoral do Papa Francisco. Os pobres fazem parte da missão da Igreja e, conseqüentemente, da identidade e da atuação da Igreja no mundo “a tal ponto que ela se constitui como ‘Igreja pobre para os pobres’”¹⁰². A esse respeito, afirmamos que o compromisso com os pobres deve fazer parte da vida de todo cristão, pois essa opção e a opção pela pessoa do Cristo e conseqüentemente é uma nota constitutiva da própria Igreja. A esse respeito acrescenta Aquino Júnior:

Embora não esgote o mistério da Igreja, o ser “dos pobres” ou a “opção pelos pobres” ou compromisso com os pobres ou movimento de saída para as periferias, pouco importa aqui a expressão, é de tal modo constitutivo da Igreja que sem isso ela deixa de ser Igreja de Jesus Cristo – sinal e instrumento de salvação ou do reinado de Deus neste mundo¹⁰³.

Ainda no que concerne a opção pelos pobres como elemento constitutivo da Igreja, Miranda acrescenta que “ao longo da história, a Igreja sempre manifestou um cuidado pelos pobres e pelos mais fragilizados da sociedade através de suas Santas

¹⁰² AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 21.

¹⁰³ AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 21.

casas, hospitais, asilos, orfanatos, escolas, voltados para os mais necessitados”¹⁰⁴. Isso revela que o Papa Francisco não teve a ideia de opção pelos pobres por si mesmo, mas trata-se de uma escolha própria da Igreja de Cristo e está presente nela desde sua fundação. Assim sendo, fica mais uma vez evidente que a Igreja é chamada à sua simplicidade original, às suas raízes. segundo Miranda:

A fidelidade à vontade de Deus manifestada na vida de Jesus Cristo implica primeiramente que a Igreja adote um estilo de vida mais simples e despojado, libertando-se gradativamente do mundanismo e dos gastos inúteis que possa ter herdado do passado. [...]. Muito luxo, muita vaidade, muita ostentação, foram sendo agregados à imagem da Igreja, que hoje mais a prejudicam do que ajudam. Entretanto, o imperativo evangélico do cuidado com os pobres e da *sobriedade de vida* deve se tornar uma realidade não só às autoridades eclesiais como também a cada cristão¹⁰⁵.

Dentro desse contexto, vale a pena fazer memória à maioria da população que vivem em situação de pobreza, sem o mínimo de recurso para sobreviver, sendo velada por uma estrutura social que se pauta no acúmulo de bens, prejudicando a correção dessa estrutura cruel¹⁰⁶. Assim, não devemos nos “espantar que o Papa Francisco, em sua cruzada pelos mais pobres e desalojados, seja tachado de comunista e combatido pelos que nada querem ceder de seu bem-estar”¹⁰⁷. Essas críticas são meios de driblar a voz profética do Papa e da Igreja atenta à realidade dos que mais carecem. A esse aspecto, Miranda enfatiza que:

É importante situar devidamente o objetivo social da fé cristã, que não nasce de uma ideologia, mas brota do próprio Evangelho, a saber, da vida de Jesus Cristo, toda ela função do Reino de Deus; e este Reino não é apenas uma realidade espiritual, já que atinge o ser humano em todas as suas dimensões. Portanto, a salvação de Jesus Cristo deve atingir também as relações sociais entre as pessoas, como afirma o Papa Francisco (EG, 178)¹⁰⁸.

De igual modo, nós também, somos chamados a enfrentar a injustiça da caduca estrutura social que fere diretamente os pobres, os vulneráveis, com esta economia que privilegia o lucro e não a pessoa humana. Claro que, entrar nesses assuntos fará com que a Igreja perca prestígio e poder, não importa. Essa opção a tornará mais dependente do Espírito Santo, do que em recursos humanos opressores e injustos;

¹⁰⁴ MIRANDA, Mario de França. **A Igreja em transformação: razões atuais e perspectivas futuras**. São Paulo: Paulinas, 2019, p. 91.

¹⁰⁵ MIRANDA, 2019, p. 91-92.

¹⁰⁶ MIRANDA, 2019, p. 92.

¹⁰⁷ MIRANDA, 2019, p. 92.

¹⁰⁸ MIRANDA, 2019, p. 93.

fará a Igreja ser caluniada e “hostilizada pelos poderosos através da mídia, mas certamente uma Igreja mais semelhante a seu fundador”¹⁰⁹. Dessa maneira, a Igreja mostra fidelidade a seu fundador, ficar sempre ao lado dos pobres sem se preocupar com que os outros pensam. A esse respeito, acrescenta Aquino Júnior:

Não é preciso deter-se em mostrar como isso aparece no ministério pastoral de Francisco em seus discursos, em seus gestos e em suas orientações. É algo tão frequente, tão público e tão impactante, que pode ser constatado e reconhecido sem dificuldade nem necessidade de maiores demonstrações e justificações. Nem é preciso advertir que o tema em questão não esgota o mistério da Igreja. Que o ser “dos pobres” seja uma característica ou uma nota fundamental da Igreja não significa que esgote o mistério da Igreja¹¹⁰.

Voltando as concepções iniciais, vimos que o termo “Igreja dos pobres” não é uma “criação” do Papa Francisco, foi usado pelo Papa João XXIII um mês antes da abertura do Concílio Vaticano II a saber, no dia 11 de setembro de 1962 em uma mensagem radiofônica a todos os fiéis católicos. A esse respeito, Aquino Júnior faz uma belíssima recapitulação dessa mensagem radiofônica do Papa João XXIII, da seguinte maneira:

Falando de Cristo como luz do mundo e da missão da Igreja de irradiar essa luz em um mundo que “enfrenta graves problemas”, o papa diz que a Igreja tem se voltado para esses problemas e que o Concílio “poderá chegar a propostas de solução [...] com base na dignidade do ser humano e em sua vocação cristã”. E passa a destacar alguns pontos importantes: “igualmente fundamental de todos os povos”, “caráter sagrado do Matrimônio”, “responsabilidade sociais”, necessidade de uma “palavra corajosa e generosa” ante o indiferentismo religioso e o ateísmo. E, de modo surpreendente e inesperado, apresenta o que qualifica como “outro ponto luminoso”: “Pensando nos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer ser a Igreja de todos, em particular, a *Igreja dos pobres*”¹¹¹.

Corroborando o pensamento do papa a respeito da igreja dos pobres, Aquino Júnior cita Gutiérrez quando esse:

Gustavo Gutiérrez chamou a atenção para a densidade dessa afirmação, destacando três aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, “o papa situa a Igreja em relação aos países pobres”, tratados não mais como países “em via de desenvolvimento”, como na *Mater et Magistra*, mas como “países subdesenvolvidos”. É o mistério mesmo da Igreja (libertação em Cristo, proximidade do Reino de Deus) que é pensado em sua relação essencial com os pobres. Em segundo lugar, ele “estabelece os termos de uma relação importante”: “Igreja de todos” (universalidade da missão) – “Igreja dos pobres”

¹⁰⁹ MIRANDA, 2019, p. 93.

¹¹⁰ AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 22.

¹¹¹ AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 30.

(particularidade, predileção). “Essa dialética ente universalidade e particularidade é capital para compreender a mensagem cristã e o que Deus revela nela”. Por fim, em terceiro lugar, “João XXIII apresenta esse modo de ver a Igreja como uma realidade em processo”. Ela “é e quer ser”. Noutras palavras, “nem tudo está feito. A Igreja ainda não é tudo o que deveria ser, há um trajeto histórico a empreender”. Trata-se, aqui, de “um texto breve, mas no qual cada palavra é importante. Sua sobriedade e modéstia não devem fazer-nos esquecer seu caráter de fonte¹¹².”

Esse texto demonstra o esforço de padres como Gustavo Gutiérrez, para evidenciar e destacar a importância de se discutir o tema da “Igreja dos pobres. O grupo desses padres e bispos que se esforçava para uma articulação que levasse em conta Jesus e a Igreja dos pobres, ficou conhecido como “Igreja dos pobres”, “e se tornou um lugar privilegiado de reflexão e articulação sobre a relação essencial entre o mistério da Igreja e os pobres e fonte de inspiração de muitas intervenções nas aulas conciliares¹¹³. Segundo Aquino Júnior, o mesmo grupo que exercia uma pressão profética sobre muitos no Concílio, sempre esteve à margem e quase não teve repercussão nos documentos aprovados. Para Aquino Júnior:

Em todo caso, o grupo recuperou e deu visibilidade a um aspecto essencial e primordial da revelação e da fé cristãs e pôs em marcha um processo de renovação eclesial a partir e em vista da relação essencial e primordial da Igreja com os pobres, começando pelo compromisso assumido pelos membros do grupo em sua vida e ação pastoral no chamado *Pacto das Catacumbas*, celebrado no dia 16 de novembro de 1965¹¹⁴.

Desse modo, é na América Latina, com a Conferência de Medellín que a compreensão da Igreja dos pobres vai pouco a pouco se consolidando e se tornando central na reflexão dessa Conferência e das outras. À medida que a reflexão vai se ampliando, surgem outras expressões, como Opção pelos pobres ou opção preferencial pelos pobres, as quais são correlatas da expressão Igreja dos pobres, apresentada pelo Papa João XXIII e que, aos poucos, foi sendo assumida pelo conjunto da Igreja como uma marca fundamental. Ainda é esse respeito, a firma Aquino Júnior:

Já em sua primeira viagem ao Brasil, em 1980, o Papa João Paulo II, na visita à favela do Vidigal no Rio de Janeiro, retoma explicitamente o tema e a expressão “Igreja dos pobres”. A expressão é repetida dez vezes no discurso que fez nessa comunidade. E é retomada por ele de modo formal e solene

¹¹² AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 31-32.

¹¹³ AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 32.

¹¹⁴ AQUINO JÚNIOR, 2018, p.33.

em sua Carta encíclica *Redemptoris missio*, sobre a validade permanente do mandato missionário em 1990: “A Igreja em todo o mundo – afirmo durante minha viagem ao Brasil – quer ser a Igreja dos pobres” (RM, 60). Em sua Carta encíclica *Sollicitudo Rei Sociales* sobre a *solicitude social*, em 1987, tinha falado da “opção ou [do] amor preferencial pelos pobres” como um dos temas e uma das orientações “repetidamente ventilados pelo Magistério nos últimos tempos” (SRS, 42). E progressivamente a questão vai se impondo e sendo assumida pelo magistério e pela teologia como dimensão constitutiva e essencial da fé cristã, formulada comumente em termos de “opção preferencial pelos pobres”¹¹⁵.

A esse respeito, podemos dizer que tal insistência na centralidade do pobre, seja na teologia, na revelação ou na fé, é marca central da teologia da libertação. Essa teve e tem grande importância para a América Latina, apesar de ser tão criticada. Vale a pena ressaltar que, a TdL não é a linha teológica do Papa Francisco, a teologia dele é a teologia do Povo, que se desenvolve na Argentina. A esse respeito, não vamos aprofundar aqui, visto que não é objeto do presente trabalho. Em todo caso, seja na teologia da libertação ou na teologia do povo, a centralidade é sempre o pobre, o desvalido, o marginalizado. Segundo Aquino Júnior:

Essa questão tem sido retomada com muita força e criatividade pelo Papa Francisco. E a tal ponto que pode ser considerada como a característica ou marca mais importante e determinante de seu ministério pastoral. Ela aparece formulada indistintamente em termos de “opção pelos pobres”, “Igreja pobre e para os pobres”, “periferias existenciais e sociais”, “misericórdia”, “cuidado dos pobres”, entre outras expressões. E aparece como algo central na revelação, na fé, na pastoral e na teologia. Chama atenção o uso da expressão “Igreja pobre e para os pobres” no contexto de suas perspectivas e orientações pastorais¹¹⁶.

A respeito dessas expressões, como dito anteriormente, são frutos de um progresso de compressão que vai se alargando à medida que os envolvidos vão tomando consciência da necessidade de apoiar e acolher seus semelhantes. Neste sentido, não interessa o termo a ser usado, pois qualquer um deles aponta para a centralidade dos pobres e marginalizados, compreendidos na fé, na revelação e na teologia. Desse modo, fica compressivo a historicidade da terminologia que gira em torno do conceito “opção pelos pobres” ou “opção preferencial pelos pobres”, tanto faz um ou outro, ambos dão primazia à centralidade do pobre nas questões sociais e evangélicas.

¹¹⁵ AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 35.

¹¹⁶ AQUINO JÚNIOR, 2018, p. 36.

CONCLUSÃO

O presente trabalho buscou compreender o conceito de Pobreza conforme as fontes da Revelação. Assim, recorreu-se a uma Antropologia Bíblica, que evidenciou como o pecado original impactou o homem. De fato, por causa dele, a humanidade perdeu os abundantes dons que Deus lhe concedia, percebendo-se pobre. Por causa desta pobreza espiritual negativa, viu-se erguer outras pobreza, a saber: o egoísmo e a injustiça. Sendo o homem pobre por sua condição criatural, pôde notar, desde que foi expulso do paraíso, os impactos dessa pobreza, passando a ter em seu interior uma tendência à preguiça e à inveja, coisas que os tornam pobres e, ao mesmo tempo, são fontes de sua pobreza. Nesse sentido, o livro dos Provérbios evidencia bem essa tensão: por um lado, tem-se uma pobreza causada pela injustiça; por outro, tem-se um outro tipo de pobreza que é fruto da preguiça e da falta de empenho. Em todo caso, Deus sempre esteve presente na vida do homem, principalmente dos pobres que são vítimas de injustiça.

Diante de uma dupla compreensão de pobreza presente ao povo de Deus, o Evangelho de Mateus relata uma parábola em que Jesus se coloca como o pobre e, ao mesmo tempo, estabelece como critério para a salvação esta acolhida do pobre por meio de seu cuidado. Através dessa parábola, podemos compreender que Jesus, vendo a incapacidade do homem de superar sua pobreza, faz-se um com os pobres para que os homens pudessem ver um novo sentido de pobreza: a verdadeira pobreza é a dependência de Deus. Percebemos que a pobreza de Cristo abre as portas para que os seus seguidores passem a ter um cuidado com os pobres, afinal Jesus não só é pobre, mas, afirma estar nos pobres.

A Carta de São Tiago é um exemplo do quanto os discípulos do Senhor levavam a sério o ensinamento de Jesus de cuidado com aquele que é pobre. Nesta Carta, São Tiago exorta a comunidade para que ela tenha zelo com os pobres e dê assistência em suas necessidades. A centralidade desta Carta de São Tiago apresenta-se a nós referente a uma preocupação social. Ela nos leva a entender que já na época de Tiago se tinha certa resistência para com as obras de caridade. Assim, o cuidado do apóstolo aponta como os discípulos tinham cuidado e predileção pelos pobres e como cuidaram para que a comunidade mantivesse essa atenção.

Diante do contexto bíblico, ficou evidente que, apesar da dupla dimensão da pobreza, Deus, Jesus e os seus discípulos sempre tiveram uma predileção pelos

pobres. Assim, vemos que com o fervilhar das ideias que se discutia no Concílio Vaticano II, surge o tema da *opção pelos pobres*. Logo, com o surgimento das Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano, o episcopado viu uma oportunidade de aplicação e ampliação das orientações do Concílio. Deste modo, é em Medellín que surge o conceito de *opção pelos pobres*. Na esteira de Medellín, Puebla explicita com maior clareza e reafirma a *opção preferencial pelos pobres*. Porém, a reflexão não se concluiu, de maneira que a V Conferência em Aparecida torna a reafirmar a *opção pelos pobres*, acrescentando que se trata de uma opção cristocêntrica.

Não se pode esquecer de que a Teologia da Libertação foi uma das reflexões teológicas dominantes no contexto das Conferências cuja influência fez olhar para a opção pelos pobres como algo que devesse ser vivenciado e colocado em prática. Não obstante as diversas críticas que, de forma injusta, foram a ela direcionadas, ela procurou cumprir um papel. Em todo caso, em meio as controvérsias que giram em torno da Teologia da Libertação – e, conseqüentemente, em torno da opção pelos pobres –, permanece o apelo do Papa Francisco para que a Igreja seja pobre e para os pobres. Evangelizando, assim, os pobres e criando espaço nas comunidades a fim de que todos sintam-se acolhidos, amados, o Evangelho, por natural consequência, alcançará todos os pobres gerando conversão.

REFERÊNCIAS

ADRIANO, José. **Sacramentos, uma introdução**. Revista de cultura Teológica n 33: Out/Dez – Ano VIII, p. 92-93. 2015.

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Teologia em saída para as periferias**. São Paulo: Ed. Paulinas, 2019.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. 1.ed. 2002.São Paulo: Paulus, 2019. Nova edição, revista e ampliada.

BOFF, Frei Clodovis Maria. **A crise da Igreja Católica e a teologia da libertação**. Campinas: Ecclesiae, 2023.

BOFF, Leonardo. **O Caminhar da Igreja com os oprimidos: do vale de lágrimas à terra prometida**. Rio de Janeiro: Editora Codecri, 1980.

CANTALAMESSA, Raniero. **A pobreza**. Tradução: Maurício Ruffier, SJ. 7. São Paulo: Ed. Loyola, 2014.

CNBB. **Campanha da Fraternidade 2020: Texto-Base**. Brasília: CNBB, 2019.

CNBB. **Campanha da Fraternidade 2023: Texto-Base**. Brasília: CNBB, 2022.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual**. São Paulo: Paulus, 1997.

CONIC / CNBB. **Campanha da Fraternidade Ecumênica 2021: Texto-Base**. Brasília: CNBB, 2020.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento do CELAM: conclusões das Conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingo**. São Paulo: Paulus, 2004.

DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2008.

Evangelização no presente e no futuro da América Latina: **conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

FRANCISCO. Exortação Apostólica: ***Evangelii Gaudium***. Edição CNBB, 2013.

GUTIERREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1981.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **Cadernos de estudo bíblico**. As cartas de: São Tiago, São Pedro e São Judas. Campinas: Ecclesiae, 2022a.

HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **Cadernos de estudo bíblico: o livro dos Provérbios, o Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos**. Campinas: Editora Ecclesiae; 2022b.

HARRINGTON, Wilfrid John. **Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização**. Tradução: Josué Xavier, Alexandre Macintyre. São Paulo: Editora Paulus, 1985.

JESUS, David Pereira de. **A Paróquia na perspectiva do Papa Francisco: Uma leitura teológica-pastoral do que o Pontífice pensa sobre a conversão pastoral da Paróquia**. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte, 2023.

JOÃO XXIII. **Radiomensaje de su santidad Juan XXIII un mes antes de la apertura del Concílio Vaticano**. Martes 11 de septiembre de 1962. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/moSU0>>. Acesso em: 31/05/2023.

LÉON-DUFOUR, Xávier. **Vocabulário de teologia bíblica**. 5.ed; tradução de Frei Simão Voigt, O.F.M. Petrópolis/RJ: Vozes, 1992.

LIBÂNIO, João Batista. **Igreja contemporânea**. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

LOURENÇO, Vitor Hugo. **A “opção preferencial pelos pobres” como chave hermenêutica da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Revista de cultura Teológica, n.89. Jan/Jun 2017.

MCKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. Tradução: Álvaro Cunha. São Paulo: Paulus, 1983.

MEDELLÍN: **memória, profetismo e esperança na América Latina**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2018.

MIRANDA, Mario de França. **A Igreja em transformação: razões atuais e perspectivas futuras**. São Paulo: Paulinas, 2019.

MULLER, Gerhard Ludwig. **Pobre para os pobres: a missão da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2014.

PAPA FRANCISCO. **Exortação Apostólica do Papa Francisco: Evangelii Gaudium – A Alegria do Evangelho**. Brasília: Edições CNBB, 2013.

PONTÍFICIA COMISSÃO BÍBLICA. **O que é o homem?** Um itinerário de antropologia bíblica. Brasília: Edições CNBB, 2022.

PONTIFÍCIO CONSELHO “PAZ E JUSTIÇA”. **Compêndio da doutrina social da Igreja**. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 7.ed. Editora Paulinas: São Paulo, 2011.

SOUZA, Ney de. **PUEBLA: Igreja na América Latina e no Caribe: opção pelos pobres, libertação e resistência**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2019.

VOCABULÁRIO DE TEOLOGIA BÍBLICA. 5 ed. Tradução de Frei Simão Voigt, O.F.M. Petrópolis/RJ: Vozes, 1982.